



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CÍCERO PEDROZA DA SILVA

**COCO DE RODA NOVO QUILOMBO: saberes da Cultura Popular e
Práticas de Educação popular na comunidade quilombola de Ipiranga no
Conde-PB**

JOÃO PESSOA – PB

2014

CÍCERO PEDROZA DA SILVA

**COCO DE RODA NOVO QUILOMBO: saberes da Cultura Popular e práticas de
Educação Popular na comunidade quilombola de Ipiranga no Conde-PB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação.

Linha de Pesquisa: Educação Popular.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aline Maria Batista Machado.

JOÃO PESSOA – PB

2014

S586c Silva, Cícero Pedroza da.

Coco de Roda Novo Quilombo: saberes da cultura popular e práticas de educação popular na comunidade quilombola de Ipiranga no Conde-PB. / Cícero Pedroza da Silva.- João Pessoa, 2014.

105f. : il.

Orientadora: Aline Maria Batista Machado

Dissertação (Mestrado) – UFPB/CE

1. Educação popular. 2. Cultura popular. 3. Pesquisa-ação.
4. Comunidade Quilombola – Ipiranga do Conde-PB.

UFPB/BC

CDU: 37.018.8 (043)

CÍCERO PEDROZA DA SILVA

**COCO DE RODA NOVO QUILOMBO: saberes da Cultura Popular e práticas de
Educação Popular na comunidade quilombola de Ipiranga no Conde-PB**

João Pessoa, 28 de Agosto de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Aline Maria Batista Machado – PPGE/UFPB
Orientadora

Prof. Dr. Severino Bezerra da Silva – PPGE/UFPB
Examinador Interno

Prof. Dr. Adelmo Carvalho da Silva – PPGE/UFMT
Examinador Externo

Prof.^a Dr.^a Patrícia Barreto Cavalcante – PPGSS/UFPB
Suplente de Examinador Externo

Prof. Dr. José Francisco de Melo Neto – PPGE/UFPB
Suplente de Examinador Interno

Aos meus filhos, Caio e Ciro, e à minha
companheira, Daniele Cely, pois tenho como
fortaleza para minha existência as vidas de
você três, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À minha *Mãe*, Eugênia Gomes Pedroza, pelo único suporte familiar.

À minha orientadora Prof.^a Aline Machado, pelo apoio e pelas conquistas de trabalho que realizamos juntos ao longo desse mestrado e por ter o privilégio de ser seu primeiro orientando de Mestrado.

Aos professores Severino Silva, Maurício Sárda, Zé Neto, Paulo Palhano e ao saudoso prof Brendan Macdonald (in memória) por acreditarem no meu potencial como aluno, pesquisador, extencionista e companheiro de militância da ação educativa.

À Coordenação do Programa de Pós-graduação em Educação, pela colaboração e por possibilitar minha formação para o espírito científico.

A todos os colegas técnico-administrativos, Cleomar, Ednalva, Glória, Maria das Graças e Samuel, pelo apoio acadêmico.

A todos os alunos do Programa de Pós-graduação em Educação, em especial aos que fizeram parte da turma 32, pela longa e difícil caminhada percorrida nesse mestrado.

Assim como a uma grande amiga que conquistei nesse Mestrado, Karla Amélia, pois como já disse Freire, a Educação Popular é um lugar de construir laços. E que o nosso seja freiriano, digo fixe.

Aos meus alunos e aos profissionais do Coletivo Aquatune Pré-Vest da Escola Lina Rodrigues do Nascimento, no quilombo de Gurugi e do Peti do Quilombo de Ipiranga.

Ao querido amigo de pesquisas antropológicas, Nivaldo Aureliano, carinhosamente conhecido como, Caju, pelo apoio na construção desse trabalho.

A todos os participantes da Incubadora de Empreendimentos Solidários – INCUBES, por contribuírem para a realização desta pesquisa.

Ao maravilhoso povo dos quilombos de Gurugi e Ipiranga, por me ensinarem o que é verdadeiramente a Cultura Popular.

Ao grupo de Cultura Popular Coco de Roda Novo Quilombo, por me ensinar o que é verdadeiramente a Educação Popular.

A família Guerra Nascimento e a todos os amigos que tenho fora dos muros da Universidade, pela grande troca de experiência e a execução dos princípios que estabelecem a cidadania e os direitos humanos.

Agradeço, enfim, à força maior que intimamente concebo por *DEUS*.

*Ê meu pai quilombo, esse povo é quilombola
A nossa luta, é todo dia, toda hora
Ê meu pai quilombo, viva ao povo quilombola
A nossa luta, é todo dia, toda hora
Ê meu pai quilombo, eu também sou quilombola
A nossa luta, é todo dia, toda hora
Ê meu pai quilombo, esse povo tem história
A nossa luta, é todo dia, toda hora.*

(Coco de Roda Novo Quilombo)

SILVA, CÍCERO PEDROZA DA. COCO DE RODA NOVO QUILOMBO: saberes da Cultura Popular e Práticas de Educação popular na comunidade quilombola de Ipiranga no Conde-PB. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós Graduação em Educação- PPGE/CE/UFPB), 2014.

RESUMO

O presente estudo, intitulado “COCO DE RODE NOVO QUILOMBO: saberes da Cultura Popular e práticas de Educação Popular na comunidade quilombola de Ipiranga no Conde - PB”, tem como objetivo central analisar a contribuição histórica, cultural social e política da comunidade quilombola de Ipiranga no Conde-PB para a construção de práticas educativas na perspectiva freireana de Educação Popular. Situada, metodologicamente, nos preceitos da abordagem qualitativa de pesquisa, enquanto pesquisa-ação, investiga um território quilombola de muitas lutas e fatos sociais relevantes à história da Paraíba, especificamente do litoral Sul no vale do Gramame. Para sua realização, nos engajamos como participantes na ação educativa com o Coletivo Aquatune e com a Associação de Moradores de Ipiranga, tendo em vista que os sujeitos da nossa pesquisa são os integrantes Coco de Roda Novo Quilombo. Utilizamos como instrumentos para a coleta de dados: entrevista com roteiro semiestruturado acompanhando o uso de gravador; formulário para identificação do perfil dos entrevistados do grupo; diário de campo, cobertura fotográfica e observação participante. E para a análise dos dados utilizamos a técnica análise de conteúdo. Buscamos desenvolver uma análise crítica da observação sistemática do território quilombola, lócus de nossa pesquisa, considerando o crescimento populacional das comunidades para melhor interpretar a realidade dos envolvidos nessa pesquisa, sobretudo no que se refere à conexão de saberes existentes entre a Cultura Popular e as práticas de Educação Popular do quilombo de Ipiranga no Conde-PB. De modo geral os resultados revelaram um processo de conscientização dentro do grupo Coco de Roda Novo Quilombo, confirmando a hipótese levantada no início dessa investigação, pelas relações com os sujeitos, pela intencionalidade de educar, pelo processo de ensino aprendizagem de transmissão de conhecimentos dos mais velhos para com os mais jovens e pelos planejamentos, diálogos, deliberações e organizações das ideias que valorizam a cultura popular e, ao mesmo tempo, expressão saberes populares. Daí a importância desse grupo na vida dos sujeitos da pesquisa-ação. De modo geral, entendemos que o Coco de Roda Novo Quilombo tem contribuído com a Cultura Popular e com a Educação Popular dos membros da comunidade, pois não só significa uma expressão da cultura popular brasileira (patrimônio cultural), como também uma estratégia histórica de luta, pois, se no passado era usado para camuflar as reuniões e articulações políticas que davam início aos planos de lutas e fugas para os quilombos, hoje em dia é usado como estratégia de luta e mobilização pela reforma agrária, pela identidade do povo quilombola, enfim, pela valorização da cultura popular. Além de se pautar em valores como respeito aos mais velhos e aos mais jovens, justiça e igualdade social.

Palavras-chave: Educação Popular; Cultura Popular; Comunidade Quilombola.

SILVA, PEDROZA OF CICERO. COCO WHEEL NEW QUILOMBO: knowledge of Popular Culture and Education Practices popular in maroon community of Ipiranga in Conde-PB. Master Thesis (Graduate Program in Education- PPGE / CE / UFPB),2014.

ABSTRACT

This study, entitled "COCO DE RODE NEW QUILOMBO: knowledge and practices of Popular Culture Popular Education in maroon community of Ipiranga in Conde -PB", is mainly aimed to analyze the historical, cultural, social and political contribution of the maroon community of Ipiranga in Conde-PB for the construction of educational practices in Freire's perspective of Popular Education. Located, methodologically, the precepts of qualitative research approach, while action research, investigates a maroon territory many struggles and social facts relevant to the history of Paraíba, specifically in the South coast Gramame valley. For its realization, we engage as participants in educational activities with the Collective Aquatune and the Association of Residents of Ipiranga, considering that the subject of our research are the Coco de Roda New Quilombo members. Used as tools for data collection: semi-structured interview following the use of recorder; form to identify a profile of respondents in the group; field diary, photo coverage and participant observation. And for data analysis used the technique of content analysis. We seek to develop a critical analysis of systematic observation of maroon territory locus of our research, considering the population growth of communities to better interpret the reality of those involved in this research, especially with regard to the connection between the existing knowledge Popular Culture and practices Popular Education quilombo of Ipiranga in Conde-PB. Overall the results revealed a process of awareness within the Coco de Roda New Quilombo group, confirming the raised earlier this investigation, the relationships with the subjects, the intention of educating the teaching-learning process of knowledge transfer hypothesis of over old to the young and with the planning, dialogues, deliberations and organizations who value the ideas and popular culture, while expression of popular knowledge. Hence the importance of this group in the lives of the subjects of action research. Overall, we believe that the Coco de Roda New Quilombo has contributed to the Popular Culture and Popular Education of community members, it not only means an expression of Brazilian popular culture (cultural heritage), as well as a historical control strategy therefore, if in the past was used to camouflage the meetings and political articulations that gave beginning to plan fights and escapes to the quilombo nowadays is used as a struggle and mobilization for land reform strategy, the identity of the maroon people, finally by the appreciation of popular culture. In addition to being based on values such as respect for elders and youngsters, justice and social equality.

Keywords: Popular Education; Popular Culture; Quilombo community.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Alunos da Escola Municipal Lina Rodrigues-PB dançando Coco de Roda. ...	229
Figura 2 – Dança do Coco de Roda – Novo Quilombo-PB.	30
Figura 3 – Rio Gurugi, fonte de riqueza das comunidades quilombolas de Gurugi e Ipiranga no município do Conde-PB.	31
Figura 4 – Dona Lenita, mestra do Coco de Roda – Novo Quilombo-PB.	32
Figura 5 – Encontro de gerações no Coco de Roda Novo Quilombo-PB.	34
Figura 6 – Comunidade Quilombola de Ipiranga e pesquisadores da Incubes.	35
Figura 7 – Saias rodadas das alunas da Escola Municipal Lina Rodrigues-PB e integrantes do Coco de Roda.	37
Figura 8 – A beleza da pela negra	67
Figura 9- geração mais antiga do coco de roda	68
Figura 10– Coco no pé do grupo Novo Quilombo-PB.	69
Figura 11- O multicolorido do Grupo Coco de Roda Novo Quilombo-PB	70
Figura 12– Novos sentidos ao mais jovens do grupo Novo Quilombo-PB.	73
Figura 13– Grupo musical do Coco de Roda Novo Quilombo, gravando seu cd no estúdio de Vital Farias	74
Figura 14–Zabumba do Coco de Roda Novo Quilombo-PB.	75

LISTAS DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEAAL – CONSELHO DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS DA AMÉRICA LATINA

CF – CONSTITUIÇÃO FEDERAL

FCP – FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES

CNPQ – CONSELHO NACIONAL DO DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

INCRA – INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA

INCUBES – INCUBADORA DE EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

LDB – LEI DE DIRETRIZES DE BASE DA EDUCAÇÃO NACIONAL

UEPB – UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

UFPB – UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

PETI – PROGRAMA DE ERRADICAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL

PRÉ-VEST – CURSO PREPARATÓRIO PARA O ENEM DO COLETIVO AQUATUNE

PPGE – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

PRAC – PRÓ - REITORIA DE ASSUNTOS COMUNITÁRIO

PIBIC – PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

PROEXT – PROGRAMA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

UNESCO – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO A CIÊNCIA E A CULTURA

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS – PERCURSO HISTORICO E METODOLÓGICO DO ESTUDO: a pesquisa-ação como caminho	13
CAPITULO 1- CULTURA POPULAR E COCO DE RODA.....	21
1.1 Cultura Popular no Brasil	22
1.2 Cultura quilombola e a origem do Coco de Roda: cenas do Brasil e Paraíba	25
1.3Coco de Roda na comunidade quilombola de Ipiranga no Conde- PB	31
CAPITULO 2- EDUCAÇÃO POPULAR	39
2.1 Aspectos histórico	40
2.2 Elementos Constituintes da Educação Popular: conscientização, conhecimento popular, <i>práxis</i> , participação e luta	46
2.3 Educação Popular: desafios e perspectivas	52
CAPITULO 3 - COCO DE RODA QUILOMBO: saberes da cultura popular e praticas de educação popular na comunidade quilombola de Ipiranga no Conde -PB .	57
3.1 Análise do perfil sócio-econômico dos sujeitos entrevistados	58
3.2 Aproximação da realidade cultural dos sujeitos da pesquisa-ação	61
3.3 Identificação do processo de conscientização no grupo Coco de Roda Novo Quilombo ..	67
3.4 A contribuição do Coco de Roda na Cultura Popular e na Educação Popular	77
CONSIDARAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	94
APÊNDICES	98
ANEXOS	101

CONSIDERAÇÕES INICIAIS
PERCURSO HISTÓRICO E METODOLÓGICO DO ESTUDO: a
pesquisa-ação como caminho

O presente estudo foi desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação, linha de Pesquisa em Educação Popular, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. A proposta de investigação surgiu a partir da nossa articulação com a Pro-Reitoria de Assuntos Comunitários (PRAC), especificamente na Incubadora de Economia Solidária (INCUBES), coordenada atualmente pelos professores Dr. Maurício Sarda de Faria, Dr. Brenndam McDonald (*IN MEMORIA*) e Dr. José Francisco de Melo Neto.

Antes, porém, é preciso esclarecer que durante o período de formação na graduação em Filosofia, tanto na licenciatura como no bacharelado, tivemos a oportunidade de participar de um Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) na área da Educação, cujo plano de trabalho denominava-se “A Implementação da Biblioteca Digital Paulo Freire”.

A priori surgiu a conexão de saberes existentes entre nossa formação filosófica e a filosofia da educação freireana e dessa junção se desenvolveu minha monografia, cujo título é “O Ensino de Filosofia como uma Experiência Filosófica: da *Práxis* Socrática a Filosofia da Educação Freireana”, que, posteriormente, me relacionou com o universo da *práxis* existente na educação, visto que me inscrevi como aluno especial na disciplina Educação Popular e Economia Solidária, ministrada pelos professores Dr. Maurício Sardá de Faria, Dr. Brenndam McDonald e Dr. José Francisco de Melo Neto, no PPGE, durante o período letivo de 2011.2.

Esta oportunidade nos levou às discussões de assuntos referentes à educação popular, ao ensino de Filosofia, à Economia Solidária, à pesquisa-ação e às manifestações culturais existentes como práticas educativas formais e informais. Este processo nos levou, ainda, a evidenciar um olhar mais diferenciado, sobretudo nas práticas que desenvolvo no município do Conde-PB, onde atualmente somos do quadro docente efetivo do governo estadual na educação básica, tendo como foco de atuação a educação de jovens e adultos, acreditando que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro” (FREIRE, 1998, p. 32), especificamente nos moradores das comunidades Quilombolas de Ipiranga e Gurugi, onde me aproximei da realidade dos alunos quilombolas em uma feira de ciências realizada na única escola de ensino médio do município de Conde – Escola Estadual João da Cunha Vinagre.

Na ocasião da feira de ciências sugerimos a esses alunos fotografar seus cotidianos. Ao avaliar os resultados desse trabalho, uma foto em especial chamou muito minha atenção: fotografia do grupo de Cultura Popular Coco de Roda Novo Quilombo, dos remanescentes de quilombolas do Ipiranga no Conde-PB. Então, com ajuda dos meus alunos, fui a campo e me descobri com um universo rico em cultura afro e saberes populares em dois Quilombos com mais de 200 anos de existência e, principalmente com uma grande história para a formação

do povo paraibano do Litoral Sul. Nessa relação com a comunidade entrei em contato com objeto de estudo desta pesquisa-ação, o Coco de Roda Novo Quilombo, manifestação do grupo de Cultura Popular da comunidade Quilombola Ipiranga-PB, que regularmente organiza a festa do Coco de Roda, a qual reúne mais de 300 pessoas, entre brincantes e simpatizantes.

Diante desse contexto e acreditando na importância da Cultura Popular, emergiu o nosso projeto para seleção de mestrado do PPGE, cujo objetivo geral visa analisar a contribuição histórica, cultural social e política do Grupo “Coco de Roda Novo Quilombo”, na comunidade quilombola de Ipiranga no Conde-PB, a fim de descobrir as conexões entre os saberes históricos dessa Cultura Popular e a Educação Popular na perspectiva freireana.

Cabe salientar que, metodologicamente, este estudo configura-se como pesquisa-ação pelo fato deste autor já estar inserido no Projeto de Intervenção pela Incubadora de Empreendimentos Solidários (INCUBES), como professor pesquisador nas ações de etnodesenvolvimento para desenvolver o potencial econômico, cultural e educacional das comunidades quilombolas do Gurugi e Ipiranga-PB), que surge em parceria com o Governo do Estado através da Secretaria de Educação e Cultura, visando à formação das identidades e a valorização do território, sobretudo para os sujeitos remanescentes de quilombolas que estudam na Escola Municipal Lina Rodrigues do Nascimento.

Como fio condutor do nosso estudo estão os conceitos teóricos e instrumentos metodológicos próprios da pesquisa-ação, que dão conta dos fenômenos de emergência étnica juntamente com as relações inter-étnicas inclusas mais especificamente relacionadas ao caso da comunidade de remanescentes de Quilombo do Ipiranga, localizada no Litoral Sul do estado da Paraíba, no município do Conde. Nesta localidade estão os protagonistas desta pesquisa-ação, abordagem relevante à pesquisa científica por propiciar o engajamento das classes populares e ampla interação entre os sujeitos pesquisados e entre o pesquisado.

Assim, considerando a relevância e o aumento das produções acerca desta perspectiva metodológica,

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1994, p. 14).

Uma das possibilidades da pesquisa-ação é produzir conhecimento sobre a problemática investigada o qual se dá na aquisição de experiência por parte dos sujeitos envolvidos no processo, fazendo avançar em um dado debate, discussão ou embate sempre buscando o envolvimento orgânico com um processo social que possibilita obter informações específicas diferentemente dos processos padronizados. Os saberes populares advindos deste processo são levados a sério, pois o que se deseja é saber algo, saber que se sabe algo e saber como saber que se sabe algo e, assim, a pesquisa-ação vai agregando várias técnicas de pesquisa social, trazendo como sua maior exigência a ação dos sujeitos da situação investigada. Constitui-se de formas, técnicas e modos próprios de resolver problemas e organizar ações nunca esquecendo da questão central que é a produção do conhecimento. Desenvolve formas de argumentação e de raciocínio que valorizam as regras lógico-formais tanto com base em critério estatístico para alternativas de flexibilidade no raciocínio, quanto com base em hipótese e situações comunicativas para compreender uma linguagem e conhecer a natureza discursiva do que está sendo dito sobre os valores de verdade histórica para resolução de problemas atuais.

Na pesquisa-ação, os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função do problema (THIOLLENT, 1994, p. 17).

Assim, conforme o autor, devemos entender o conhecimento como uma aproximação da realidade tomando como referência as ideias plausíveis que tem sentido, acreditando nas suas previsões, reconhecendo que estas não estão baseados necessariamente em cálculos variáveis de ordem subjetiva, mas respeitando o padrão convencional da pesquisa social com seus esquemas hipotéticos com base estatística. Nesta abordagem, afirmando que a experimentação só é considerada válida quando os resultados são idênticos independentemente dos pesquisadores que realizam estabelecendo a regularidade das leis e teorias explicativas da realidade. E, dessa forma, a categoria Cultura Popular irá nortear todo o processo dessa pesquisa-ação com diferentes níveis no local com os indivíduos, grupos, movimentos de classe e as instituições públicas com seus aspectos quantitativos utilizando dos recursos estatísticos clássicos com técnicas de amostragem e os aspectos qualitativos.

A nosso ver, na pesquisa-ação se devem manter algumas condições de pesquisa e algumas exigências de conhecimento associado ao ideal científico que, contrariamente a uma certa opinião corrente, não se confunde com o

positivismo ou qualquer outra circunstância ideológica da ciência (IBIDEM, p. 20).

Relacionando sempre o conhecimento e ação, na produção do conhecimento aos campos econômico, político e social e, dando um sentido as ações realizadas e possibilitando que o conhecimento produzido possibilitará o estabelecimento de condições para a transformação da realidade favorecendo a possíveis níveis de mudanças locais e porque não a transformação da sociedade global e que sendo realista de encarar a questão da ação transformadora como necessidade de clareza dos objetivos de conhecimento de ações para definir as disponibilidades de recursos materiais e intelectuais existentes no momento atual do processo de pesquisa-ação e por parte dos pesquisadores e participantes.

Numa pesquisa-ação sempre é preciso pensar, buscar ou comparar informações, articular conceitos, avaliar resultados, elaborar generalizações e etc. Todos esses aspectos constituem uma estrutura de raciocínio subjacente a pesquisa (THIOLLENT, 1994, p. 27).

Na pesquisa-ação recomenda-se que se mantenha, sempre, a função política em prol dos valores e dos aspectos da política e no fortalecimento dos grupos na construção de estratégias nas relações que os sujeitos estabelecem com seus oponentes, respeitando as indagações acerca dos valores que operam mediante na pesquisa-ação para a ação planejada, não existindo nenhum problema no fato da própria concepção da pesquisa-ação. Ainda assim algumas regras de conduta devem existir, pois todas as partes têm direito de interromper a experiência caso os objetivos estabelecidos não sejam respeitados. Defende-se ainda que nenhuma das partes possa restringir a divulgação dos resultados.

O pesquisado deve ajudar a criar um ambiente de confiança entre ele, os integrantes e a comunidade. Deve conscientizar os membros do grupo, no sentido de uma responsabilidade compartilhada por todos os integrantes (RICHARDSON, 2003, p. 155).

Em nossa trajetória iniciamos nossa escolha a partir das delimitações para pensar o convívio escolar, social e cultural da comunidade envolvida nesse estudo. Sendo assim, nosso objeto de estudo é a manifestação cultural do Coco de Roda Novo Quilombo, em Ipiranga. Por isso, tem como foco a manifestação da educação popular na realidade da dança do Coco de Roda em uma abordagem teórico-crítica acerca do universo cultural do Coco de Roda e de todos nas aulas ao ar livre no contexto da comunidade envolvida.

Portanto, nossa pesquisa-ação possibilita a todos os jovens e adultos uma busca de conceitos fundamentais como virtude, justiça, cidadania, dignidade humana e espírito de equipe. A nosso ver, a filosofia tem a responsabilidade de possibilitar a integração entre os humanos e a autonomia a fim de tornar os cidadãos seres livres de opressão.

A filosofia, nos moldes de seu paradigma mais contemporâneo, oferece aportes para reflexão sobre as questões de etnodesenvolvimento que permeiam o recorte dessa pesquisa-ação. Assim, possibilitar a investigação desse objeto de estudo (o Coco de Roda) unindo a filosofia e a *práxis* em discussões que possam ancorar a valorização das representatividades do território e a formação de identidades autônomas em sua própria cultura, desconstruindo conceitos criados por uma classe dominante em detrimento dessa Cultura Popular, nos estimula para o reconhecimento da necessidade de aprofundar as discussões sobre essa temática, a partir do convívio na sala de aula, precisamente nas aulas de filosofia, as quais remetem os estudantes, originários da cultura afro-descendentes, aos conflitos de identidades, gerados pelas questões étnicas raciais e socioeconômicas na história das matrizes que construíram o povo brasileiro.

Contudo, muitos se sentem desestimulados a participar do processo ensino aprendizagem, ocasionando, além da evasão, uma construção imaginária de que a educação não serve como meio de formação identitária. Sendo assim, alguns desses sujeitos não acreditam que a educação possa favorecer a valorização dessas minorias. Enquanto isso, outros veem nas aulas de filosofia a possibilidade de estabelecer discussões acerca desse assunto que propiciem no espaço das aulas a instauração de um espaço público capaz de levantar discussões sobre sujeitos considerados “invisíveis” por nossa sociedade em muitas situações.

Nesse contexto, o ensino de Filosofia está em processo de reintrodução, visando o ensino crítico e oferecendo às crianças, aos jovens e aos adultos a possibilidade de entender melhor o mundo, o ser e o outro no universo social em que vivem. Sendo assim, a ação proposta do nosso projeto de intervenção visa contribuir com uma formação para o exercício da cidadania.

Portanto, como nossa pesquisa teve como objeto de estudo o Coco de Roda Novo Quilombo, trata-se de um estudo exploratório, visando abordando aspectos qualitativos sobre sua realidade histórica, social, econômica e cultural.

Abordagem qualitativa em pesquisa se opõem, em geral, ao pressuposto experimental que defende um padrão único de pesquisa

para todas as ciências, calçado no modelo de estudo das ciências da natureza. (CHIZZOTTI, 2009, P. 78)

Os sujeitos da nossa pesquisa são integrantes do Coco de Roda, utilizando como instrumentos e técnicas da coleta de dados: a entrevista com roteiro semiestruturado, formulário para identificação do perfil dos entrevistados do grupo, a observação sistemática, diária de campo e uma cobertura fotográfica do quilombo para auxiliar na reflexão da pesquisa-ação, pois, como afirma Thiollent (1994, p. 19), “a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com a coletividade do pesquisador e com os participantes representativos envolvidos”.

A técnica que utilizamos para a análise de dados foi a técnica da análise de conteúdo.

A pré-análise é a fase de organização propriamente dita, corresponde a um período de instituição, mas tem por objetivos tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas. (BARDIN, 2011, p. 123)

Desse modo, a presente dissertação encontra-se estruturada em três Capítulos.

No primeiro Capítulo abordamos as temáticas da Cultura Popular no Brasil, cultura quilombola e a origem do Coco de Roda no nosso país, bem como no estado da Paraíba, a fim de contextualizarmos o debate acerca do Coco de Roda na Comunidade Quilombola do Ipiranga, no Conde-PB.

No Capítulo dois, conceituamos e debatemos o significado histórico, social, político e ideológico da Educação Popular, no sentido de apontarmos alguns de seus elementos constituintes, visto que estas são nossas categorias teóricas para analisarmos se o Coco de Roda Novo Quilombo de fato expressa conexões com a Educação Popular sistematizada por Paulo Freire.

No Capítulo três, analisamos o perfil socioeconômico dos sujeitos entrevistados do grupo Coco de Roda Novo Quilombo, bem como refletimos sobre a realidade cultural desses mesmos sujeitos desta proposta de pesquisa-ação, identificando um processo de conscientização dentro do grupo de Coco de Roda Novo Quilombo e investigado a importância deste grupo na vida dos sujeitos da pesquisa-ação e relatando de que forma o Coco de Roda Novo Quilombo tem contribuído com a Cultura Popular e com a Educação Popular dos membros da comunidade, elucidando, a partir disto, os desafios e as perspectivas que a Educação Popular enfrenta na contemporaneidade.

Por fim, apresentamos as considerações finais a que foi possível chegar considerando o percurso metodológico e os objetivos propostos.

CAPÍTULO 1

CULTURA POPULAR E COCO DE RODA

*Coco de praia, do sertão e do ganzá
Quando toca numa latada bota a roda pra girar
E na batida do tamanco ritmado
Deixa o corpo acalantado ninguém para de dançar*

(Herbert Lucena)

1. 1 Cultura Popular no Brasil

Falar sobre Cultura Popular no Brasil é falar de textos, músicas, roupas, instrumentos coreografias, gestos, casas, sobretudo de saberes populares e de Educação Popular. É olhar para as matrizes do nosso povo para vislumbrar como é ver com clareza a memória do país sendo contada, cantada e ensinada de gerações para gerações. Para Fávero (1980, p. 24),

A cultura popular utiliza instrumentos e métodos próprios de trabalho, instrumentos que se estruturam e se definem a partir das necessidades da comunidade a qual se destinam, numa preocupação de atender as suas solicitações, utilizando motivações adequadas a realidade

Ainda, para este autor, “a existência humana é existência de pessoa em comunidade, ou seja, comunicação de valores de pessoa a outra” e é sobre esses valores que a cultura brasileira se firma e se reafirma nas histórias das matrizes do nosso povo, seja ela: indígena negra ou já da mestiçagem européia, que juntos formaram quem somos hoje como povo de cultura bastante miscigenada.

Para falar sobre cultura no Brasil temos que pensá-la no contexto da totalidade social, ou seja, entender que condições históricas, sociais, políticas e econômicas, a cultura se forma na sociedade em que vivemos e conforme Fávero (1983, p. 15), “a natureza exprime o que é dado ao homem e a cultura é o que é feito pelo Homem” e. Dessa forma, tanto um estudo como este, como uma casa ou uma dança popular, a exemplo do coco de roda, são formas de manifestações da cultura criadas tanto por homens quanto por mulheres.

A cultura popular é um exemplo do outro de reformismo, do reformismo que é apenas manifestação de uma atitude revolucionária concreta. Ela não é uma adaptação, feito na defesa do passado, as novas exigências surgidas da realidade. Ela resulta, é certo, de uma atividade adaptada às circunstâncias do momento histórico, mas que se adaptam ao futuro (FÁVERO, 1983, p. 16).

Contudo, apesar de reconhecermos a complexidade que envolve estas questões, no Brasil, nossa moradia transmite cultura, nossos textos transmitem e omitem cultura, assim como nas maravilhosas danças populares vivenciadas nos quatro cantos do nosso território brasileiro. Os quilombos, a exemplo disso, são os territórios da nossa nação que carregam em si uma herança africana rica na diversidade cultural e carente do poder público em prol de

políticas públicas que fortaleçam cada vez mais essa matriz formadora de grande parte do povo brasileiro, sendo esse povo os negros e os mestiços de nossa nação.

Mediante estas questões, refletimos sobre os significados, do termo cultura. Para os gregos, cultura significava a PAIDEIA, ou seja, toda a formação do povo grego em todos os seus aspectos. Já para Laraia (1996, p. 25), o conceito de cultura utilizado atualmente foi definido pela primeira vez no século XVIII por Edward Taylor (1832-1917).

O autor explica que o conceito de Taylor definia cultura:

Em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade (LARAIA, 1996, p. 25).

Ao abordar a cultura como um conceito antropológico, Laraia (1996, p. 105) afirma que:

Cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema.

Igualmente, a concepção de cultura popular tem uma gênese, uma trajetória e uma atualidade. É nesse movimento de desenvolvimento que procuramos apresentar desde as conexões existentes entre a Cultura Popular e a Educação Popular, considerando que anos 1960 uma estava fundida a outra.

Em conexão com o contexto mais amplo, na América Latina, com classes populares e com os trabalhadores empobrecidos, sem condições de reproduzir dignamente a sua vida material e espiritual, também desenvolveram articulações, movimentos e lutas em defesa dos seus direitos utilizando da cultura popular como defesa, uma espécie de escudo contra a opressão da elite dominadora da cultura erudita. Especialmente entre os anos 1960 e 1990 foi se gestando uma concepção diferenciada de cultura popular e cultura erudita se desvinculando da concepção hegemônica da cultura estabelecida pela burguesia no território brasileiro, a chamada cultura erudita, desenvolvendo uma hierarquia cultural no Brasil.

Uma cultura é subalterna precisamente enquanto carece de consciência de classe, enquanto é cultura de classe ainda não consciente de si mesma. Com efeito Gramsci sublinha como tal cultura hegemônica (GRUPPI, 1978, p. 91).

A origem da concepção de cultura é antropológico, pois, conforme Laraia (1996, p. 46), “o homem é resultado do meio cultural em que ele foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam”. A cultura popular, dessa forma, decorre do modo de produção da vida em sociedade que no capitalismo, na América Latina e também no Brasil, emerge a partir da luta das classes populares ou nos embates e confrontos dos trabalhadores mais empobrecidos na defesa de seus direitos. Assim, dependendo da organização que integram, os trabalhadores chegam, inclusive, a defender e a lutar pela construção de uma nova ordem social.

É neste sentido, que a cultura popular definitivamente deixa de ser uma prática neutra e ganha o significado de ato político, como posto nas definições de Gramsci (2004):

Uma pessoa é culta, no significado mais nobre do termo, se por cultura entendamos não simplesmente riqueza de conhecimentos intelectuais, mas capacidade de realizar o próprio dever e de compreender seus semelhantes respeitando todo o princípio, toda opinião, e toda fé que seja sinceramente professada (2004, p. 99).

Evidencia-se, assim, que as possibilidades para formação política com vistas a um agir crítico para as ações relacionadas com os processos de luta e de organização das classes populares para também conseguir uma conscientização sobre o poder da Cultura Popular. Segundo Soares (2000, p. 375), “é necessário organizar a cultura criando as condições imprescindíveis à conquista de uma consciência superior”. Tudo isso, indica a necessidade de reconhecer o movimento do povo em busca de direitos como formador e também de voltar a reconhecer que a vivência organizativa e de luta é formadora. Para a cultura popular, o trabalho educativo, tanto na escola quanto nos espaços não formais, visa formar sujeitos capazes de transformar a realidades sociais excludentes. É, nesse sentido, que ela se constituiu, ao mesmo tempo, como uma ação cultural, um movimento de Educação Popular.

1.2 Cultura quilombola e a origem do coco de roda: cenas do Brasil e da Paraíba

Segundo Almeida (2002, p. 88), a primeira conceituação do que seja um quilombo é datado de 1740, definindo como “toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele”. Para o autor, há uma série de erros neste conceito, inoperante para a conceituação do quilombo na atualidade. Dois séculos depois, na Constituição Federal de 1988 (CF/88), o quilombo surge como uma remanescente noção um tanto quanto incômoda aos antropólogos, já que esta indica, por exemplo, algo que já não existe ou que se encontra em processo de desaparecimento. Tal termo, portanto, “deve ser ressemantizado, procurando discutir não o que foi o quilombo, mas sim como essa autonomia foi sendo construída historicamente, logo, considerando o que ele é no presente” (ALMEIDA, 2002, p. 98). Assim,

O termo *quilombolas* traz à tona a historicidade desses sujeitos sociais e dos conceitos que os representam, “*kilombò* significava sociedade de homens guerreiros no Brasil colonial (CALDART, 2012, p. 645).

A denominação *quilombola* passou a designar homens e mulheres, africanos e afrodescendentes, que se rebelavam ante a sua situação de escravizados e fugiam das fazendas e de outras unidades de produção. Refugiando-se em florestas e regiões de difícil acesso, onde reconstituíam seu modo de viver em liberdade. No sistema escravista o termo *quilombola* passou por releituras e foi adquirindo outros significados, como o de *sujeito de direitos*, resultante de conquistas jurídicas do movimento negro perante o Estado brasileiro, tendo como fonte original o continente africano.

Assim sendo, o quilombo surge como uma forma de organização, de luta, de espaço conquistado e mantido através das gerações. Portanto, o resgate deste termo aparece como um conceito socioantropológico, não exclusivamente histórico, o que acaba por proporcionar: o aparecimento de novos sujeitos sociais ampliando e renovando os modos de ver e viver a identidade negra; ao mesmo tempo, permite o diálogo com outras etnicidades e lutas sociais, como a dos diversos povos indígenas no Brasil.

Se a fundamentação da definição de um quilombo torna-se inoperante a partir da fuga e da resistência, fuga aqui entendida em um processo histórico no qual os escravos fugiam dos seus senhores, resistir torna-se a pedra de toque para a afirmação étnica destes indivíduos, resistir às questões de desemprego, à discriminação racial, à posse indevida das terras que

ocupam, entre outras, e retomando o termo remanescente, o que está em jogo é a manutenção de um território como reconhecimento do processo histórico de espoliação.

É a partir da (CF/88) que se reconhece pela primeira vez os direitos à terra das comunidades quilombolas. Em seu art. 68, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), consta que “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 1998).

Anos depois, no Decreto nº 4887, de 20 de novembro de 2003, Art. 2º, consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos “os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”. Contudo, a primeira demanda para o reconhecimento destas populações não parte do Estado, mas do reconhecimento de uma identidade diferenciada pelos próprios sujeitos sociais que assim a reivindicam. Nos moldes de uma consciência étnica, o sentimento de pertencimento a uma comunidade étnica, organizada de uma forma política, juntamente com o sentimento de ser diferente, aqui podendo ser entendida como identidade diferenciada, resultando em uma comunhão desses indivíduos que se uniriam e se organizariam socialmente e politicamente, pois segundo Ayala (1987, p. 12):

No Brasil, como em outros países da América Latina, essa tendência é explicada, em parte, pelo fato de serem países novos e dependentes. A procura do típico, é um dos meios de afirmação da identidade nacional.

Reconhecendo a essas comunidades o direito à terra como direito ancestral, estes sujeitos tornam-se sujeitos históricos e aqui poderíamos incorrer no erro de presumir que os quilombos de antigamente, aqui definidos como quilombos históricos, são os mesmos quilombos que podemos encontrar na atualidade. Falar dos quilombos e dos quilombolas no cenário político atual é, portanto, falar de uma luta política e, conseqüentemente, uma reflexão científica em processo de construção. O termo quilombo até recentemente era de uso quase exclusivo de historiadores que, por meio da documentação disponível ou inédita, procuravam construir novas abordagens e interpretações sobre o passado da Cultura Popular da nossa nação.

Assim, não cabe mais analisar as práticas culturais populares como sobrevivência do passado no presente, pois independente de suas origens, mais remotas ou mais recentes, mais próximas ou distantes geograficamente,

elas se reproduzam e atuam como parte de um processo histórico e social que lhes dá sentidos no presente, que as transforma e faz com que ganhem novos significados (AYALA, 1987, p. 52).

Até 2003, o Ministério da Cultura (através da Fundação Cultural Palmares - FCP) era responsável pelas questões relativas à delimitação das terras, sendo que, após o decreto nº 4887/2003, esta competência passa para o Ministério do Desenvolvimento Agrário, sendo responsabilidade do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) a expedição dos respectivos títulos. Os estudos realizados com as comunidades para a expedição dos seus respectivos títulos de terra são orientados pela Instrução Normativa nº 57, de 20 de outubro de 2009. À Fundação Cultural Palmares ficou o encargo de emitir as certidões de autorreconhecimento das comunidades 13 remanescentes de quilombos. Esta, por sua vez, registra a presença de 1820 comunidades de remanescentes de quilombos no Brasil, sendo que destas, 45 se encontram no estado da Paraíba. Segundo Demestshuk (2013), dessas 45 comunidades, 36 estão passando por um histórico processo de auto reconhecimento das comunidades quilombolas na Paraíba.

Após 125 anos libertos da escravidão, os remanescentes de quilombos no Brasil ainda lutam por inserção social, políticas públicas, reconhecimento étnico e regularização dos territórios onde vivem. Na Paraíba, das 45 comunidades quilombolas identificadas pela Fundação Cultural Palmares (FCP), 36 possuem o Certificado de Auto reconhecimento, sete estão em processo de reconhecimento e duas ainda não deram entrada. Mesmo assim, os descendentes de negros escravos ainda lutam pelo direito à terra onde seus antepassados trabalharam, viveram e morreram. A única comunidade que está próxima de receber o título de posse das terras onde vivem é a Bonfim, em Areia, faltando apenas a conclusão da desapropriação de uma pequena propriedade. Por fim, há cerca de 5 mil quilombolas no estado e a grande maioria trabalha na agricultura, construção civil e serviços domésticos.

Na África, a palavra *kilombò* é originária dos povos de língua banto, e tem a conotação de sociedades guerreiras, constituídas por homens oriundos de diversas linhagens e organizados em estruturas centralizadas de baixa disciplina militar (CALDART, 2012, p. 645).

Em suma, os termos *quilombo* e *quilombola* foram utilizados para caracterizar os sujeitos e grupos sociais organizados em torno da contestação ao sistema escravocrata. Porém, o termo *quilombo* foi traduzido por africanos e afrodescendentes para caracterizarem *seus territórios de resistência* ante esse sistema colonial escravista, pois os *quilombolas* tornaram-

se os seus habitantes, aqueles que se rebelavam contra a situação de escravização e marginalização em que se encontravam, forçosamente inseridos em um contexto de exploração, como trabalhadores explorados à exaustão, capturados e arrancados de seus territórios originários, comprados e vendidos como mercadorias. As comunidades quilombolas são formas de organizações de pessoas e grupos sociais de origem africana que resistiram à escravização a que foram submetidas pelo sistema colonial europeu, inaugurado nos séculos XV e XVI, e nessa relação colonial, a África e a América eram criadas como espaços habitados por povos primitivos, *selvagens* e *atrasados*, enquanto a Europa nascia como vetor da *civilização* e da *modernidade* e seu desenvolvimento capitalista era projetado como caminho único a ser seguido por toda a humanidade.

Contudo, apesar da classe dominante estimular o acesso e a produção de uma cultura hegemônica, a cultura e a *identidade negra* foram sendo tecidas como instrumentos de afirmação das próprias origens, de sua ancestralidade e de seus saberes. Quando se rebelavam, fugiam e constituíam os *quilombos*, organizavam-se enquanto *quilombolas*, identidade que passava a representar os *sujeitos da resistência*, constituindo, inclusive, uma cultura quilombola. Expressa, por exemplo, em danças como capoeira e Coco de Roda, sendo esta última uma manifestação cultural típica da cultura quilombola brasileira, a partir do qual são observadas as definições da existência da Cultura Popular e da Educação Popular:

1. Pelas relações com os sujeitos;
2. Pela intencionalidade de educar;
3. Pelo processo de ensino aprendizagem de transmissão de conhecimentos dos mais velhos para com os mais jovens;
4. Pelos planejamentos, deliberações e organizações das ideias pedagógicas realizadas.

Trazemos a seguir, registros de nossas vivências junto as comunidades quilombolas, de modo a ilustrar representações desta manifestação cultural.

Figura 1 – Alunos da Escola Municipal Lina Rodrigues-PB dançando Coco de Roda.



Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

Assim, desses povos de direito da nossa nação é que surge a maravilhosa manifestação definida como Coco de Roda, que tem origem no Nordeste brasileiro, especificamente no estado de Alagoas. É uma dança popular que faz parte do grande potencial do folclore nordestino, uma mistura de música e poesia com aspectos e coreografias típicos, destacando-se pela originalidade e pela representação do povo negro no território brasileiro. É dançada com grande expressão nos estados do Rio Grande do Norte, Piauí, Pernambuco, Paraíba, Sergipe e Bahia, conhecida como “Coco praieiro, Samba de Coco, Samba de Aboio, Corrido de Reza, Bate - Baú e de Coco de Roda” (VILELA, 1980, p. 15). Ilustramos esta manifestação da Cultura Popular, a seguir:

Figura 2 – Dança do Coco de Roda – Novo Quilombo-PB.



Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

A dança do Coco de Roda no Brasil, defendidas por folcloristas, é de origem indígena, porém, outras correntes afirmam que sua criação que é de origem africana, mas, como no Brasil há uma grande miscigenação, é notório que tanto a matriz indígena como a matriz africana, são ambas as responsáveis pela expressão cultural do Coco de Roda no Nordeste brasileiro, pois são encontrados elementos étnicos dessas duas matrizes, sendo impossível destacar maior influência de uma sobre a outra.

Contudo, não é o nosso objetivo ampliar este debate, e sim destacar a sua influência na Educação Popular, pois durante muito tempo essa problemática da genuína origem deu espaço ao preconceito religioso e ao menosprezo cultural da elite detentora da cultura hegemônica. Novas pesquisas e interpretações são o que destacamos acerca dessa rica manifestação cultural do nosso povo. Esclareceremos, porém, que a mesma será evidenciada no próximo tópico, no qual será abordada a dança do “coco de roda” que existe no município do Conde-PB e a grande contribuição dessa manifestação cultural na Educação Popular especificamente no o vale do Gramame no município de Conde.

1.3 Coco de Roda na comunidade quilombola de Ipiranga no Conde-PB

Antes de abordarmos o Coco de Roda Novo Quilombo, faz-se necessário recuperarmos elementos da comunidade onde ele se desenvolve.

Inicialmente, o Quilombo de Ipiranga foi uma terra habitada pelos indígenas da nação Tabajara, povo que sofreu um longo processo de expulsão das suas terras pelos colonizadores europeus. Posteriormente, com o início da escravidão do povo africano no Brasil, os negros tiveram diversas formas de resistência ao sistema escravocrata, uma das mais importantes foi à formação dos quilombos, a qual marca a formação dos territórios negros no Brasil. Ele encontra-se localizado entre o Vale do Rio Gurugi e do Rio Gramame, litoral Sul paraibano, no município do Conde. Há pelo menos quatro gerações este território é habitado por famílias negras descendentes de negros escravizados e é nesse contexto que nosso estudo foi desenvolvido.

Figura 3 – Rio Gurugi, fonte de riqueza das comunidades quilombolas de Gurugi e Ipiranga no município do Conde-PB.



Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

Atualmente, com o Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, foi alterada a definição de “populações do campo”, inclusive os quilombolas foram incluídos a partir da promulgação nessa nova definição, como vemos no Art. 1º, § 1º, I, do referido decreto:

Populações do campo: os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, *os quilombolas*, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural.

A comunidade Quilombola Ipiranga-PB organiza no último sábado de cada mês a festa do Coco de Roda, que reúne mais de 300 pessoas entre brincantes e simpatizantes. Tal manifestação cultural é considerada como um das mais tradicionais do estado Paraíba. É brincado nesta comunidade e nos arredores há mais de 200 anos, de acordo com depoimentos dos participantes do Grupo de Coco de Roda Novo Quilombo. Nele, observamos uma conexão de saberes entre a Cultura Popular e a Educação Popular, cujas categorias tem sido sistematizada na produção intelectual do educador Paulo Freire. O grupo, que conta atualmente com 1 cantor, 24 dançantes e 3 tocadores, foi fundado há 18 anos pela Mestra da Cultura Popular viva, Dona Lenita (reconhecida pelo Ministério da Cultura).

Figura 4 – Dona Lenita, mestra do Coco de Roda – Novo Quilombo-PB.



Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

Dele também faz parte a contra-mestra, Ana Lúcia Nascimento, filha da presidente da Associação da Comunidade Negra do Ipiranga, que, ao longo dessa tradição da cultura afro-brasileira, desenvolve os saberes e ritmos populares. Sobre estas questões, dialogamos com

Brandão (1990, p. 38), quando afirma que “o saber não é uma simples cópia ou descrição de uma realidade estática, a realidade deve ser decifrada e reinventada a cada momento”.

Assim, como vimos na introdução desta dissertação, a fim de entender a história desta comunidade, está sendo desenvolvida nosso estudo estruturado nos moldes da pesquisa-ação. A partir de experiências projeto de Extensão (PROEXT 2013), em conjunto com a Incubadora de Empreendimentos Solidários, refletimos sobre o potencial cultural deste território defenderemos, com isso que:

A pesquisa-ação faz parte de um projeto de ação social ou de resolução de problemas coletivos; ela supõe que haja apoio do movimento, da organização social, cultural, educacional, sindical ou política na qual está concentrada (WANDERLEY, 2010, p. 57).

Sendo assim, nossa proposta de ação social objetiva propiciar uma formação para o exercício da cidadania e promover debates que possibilitem a compreensão dos pensamentos dos educando, preservando o conhecimento *a priori* e o desenvolvimento intelectual e individual de cada um. Desse modo, estimulamos uma *práxis* educacional desenvolvendo a interação entre escola e comunidade, visto que nesse processo envolvemos a Escola Municipal Lina Rodrigues, que tem esse nome em homenagem a grande educadora popular e matriarca da família Rodrigues do Nascimento, que até os dias atuais mantém viva a cultura popular e a educação popular nos quilombos de Gurugi e Ipiranga, no município do Conde-PB.

Nosso projeto está vinculado à compreensão de fenômenos situados no cotidiano escolar e da comunidade quilombola, buscando significados atribuídos aos sujeitos e as suas experiências de vidas.

Ressaltemos aqui que partimos do pressuposto de que o Coco de Roda dançado especificamente no território Quilombola e o poder educacional dessa dança folclórica para esses afrodescendentes traz uma contribuição para o fortalecimento da Educação Popular e da Cultura Popular na Paraíba. “A cultura popular pode se concretizar de mil formas diferentes, todas, entretanto, servem sempre ao mesmo propósito último, que é a educação revolucionária das massas” (FÁVERO, 1983, p. 18).

Podemos, assim, relacionar o Coco alagoano de Zumbi dos Palmares ao coco Paraibano de Ipiranga pela militância e pela resistência, pois a história contada pelos quilombolas de Ipiranga esclarece que os negros em Palmares iam pegar o coco das palmeiras para retirar a polpa e o óleo da amêndoa se reunindo em grupos e fazendo desse

momento um instante de cantoria de muita dança com muita ginga, remelexo e de propagação de letras musicais, expressando o desejo de liberdade e a vontade de ser livre com alegria em meio a escravidão brasileira. Neste sentido, a dança e a música eram utilizadas como instrumentos de conscientização para liberdade, fazendo uso das cantorias das músicas como uma forma de Educação Popular.

Figura 5 – Encontro de gerações no Coco de Roda Novo Quilombo-PB.



Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

Vale salientar que, de acordo com os membros do grupo, o Coco do Ipiranga é marcado por dois momentos: , o coco antigo e o “Novo Quilombo”. Primeiramente, num tempo imemorável originalmente, o coco era uma brincadeira entre vizinhos, parentes do Ipiranga e amigos de comunidades vizinhas, como Gurugi, Mituaçu e Paratibe, que eram convidados a fim de comemorarem, sobretudo, as festas juninas segundo o calendário católico nos dias de Santo Antônio, São João, São Pedro e Sant’Ana. Segundo LÉO NETO (2012 p. 12), “Estas reuniões aconteciam em ambientes domésticos, cujo principal agitador era Luís de França, considerado o primeiro mestre de coco da comunidade, que recebiam os convidados em sua residência e compunha vários cocos”. No entanto, após o seu falecimento e de outras

pessoas de sua geração, o Coco se enfraqueceu devido à falta de estímulo, orgulho e receio ao coco por parte dos mais jovens.

Depois desse processo, diz, LÉO NETO (2012 p. 14), “o cenário começa a ser modificado, há cerca de vinte e um anos, quando a comunidade retoma suas manifestações culturais, dentre as quais ocorre um processo de revitalização do Coco”, ressaltamos que este processo de resgate veio antes da certidão de autoreconhecimento emitida pela Fundação Cultural Palmares em 8 de setembro de 2006. Afirmando assim LÉO NETO (2012 p. 15), “Concomitantemente a este movimento de retomada do Coco, havia processos de mobilizações sociais para retomada de terras que aconteciam nessa região”, no qual o Coco serviu como elemento político de apoio à luta dessas comunidades e das outras vizinhas, pois servia como forma de lazer e de sociabilidade e fortalecimento da identidade deste grupos.

Figura 6 – Comunidade Quilombola de Ipiranga e pesquisadores da Incubus.



Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

E, então, surge o segundo momento do Coco do Ipiranga, cuja denominação é o “Coco Novo Quilombo”, o qual iniciou com quinze pessoas e atualmente reúne em média com vinte e nove pessoas no grupo. Este movimento ascendeu sob a perspectiva da inclusão dos jovens da comunidade, objetivando a perpetuação e manutenção da tradição do coco que se restringia à localidade. Desse modo, através de um convite para se apresentar na cidade de João Pessoa,

o grupo iniciou uma nova etapa, cujo aspecto se dá devido às apresentações fora da comunidade: em escolas, festas em cidades vizinhas, instituições e organizações culturais, proporcionando a atualização dessa tradição. Devido a estas demandas e apresentações fora da comunidade, alterou-se o cotidiano e pouca movimentação da comunidade, o dia do coco de roda atrai muitas pessoas. Sendo assim afirma LÉO NETO (2012 p. 15), “Esta movimentação tem confirmado as ações e praticas, cujo resistencia constitui-se no estabelecimento das fronteiras étnicas e na constituição e afirmação de uma identidade diferenciada”.

Contudo, o Coco de Roda não tem envolvido, apenas as pessoas mais antigas da comunidade, tendo em vista que, atualmente, várias crianças participam deste momento. Principalmente dançando, a nova geração da comunidade se faz atuante nesta tradição que se perde em uma memória individual, Como destaca LÉO NETO (2012 p. 16), “mas se encontra imersa em uma memória coletiva que investigamos. Sujeitos não no sentido de atuarem, de serem intérpretes de um papel que não criaram”, mas por criarem seus papéis enquanto vivem em sociedade, ou seja, enquanto sujeitos históricos e sociais.

Portanto, isto nos leva a pensar na definição da criança como protagonista, já que tanto ela interpreta os sistemas simbólicos que lhes são impostos como também os reconfiguram, logo, criando os seus próprios sistemas, pois a cultura não é algo dado, fixo e imutável, mas passível de elaborações, incrementações e ressignificações, tanto de experimentações individuais como coletivas. Neste sentido, configura-se uma criança atuante, possuindo um papel ativo na constituição das relações sociais em que se engaja, não sendo, portanto, passiva na incorporação de papéis e comportamentos sociais, trata-se de reconhecer que a criança interage ativamente com os adultos e as outras crianças, com o mundo, sendo parte importante na consolidação dos papéis que assume e de suas relações.

Durante a apresentação, o Coco de Roda exerce grande poder de atração na maioria das pessoas presentes. A roda cresce a cada vez que uma pessoa entra no ritmo, impossibilitando, Destacando, LÉO NETO (2012 p. 16), “muitas vezes devido ao tamanho do salão, uma plena movimentação dos passos da dança”. Ocasionalmente, algum participante sai da roda, se dirigindo ao centro e fixando o olhar para alguma pessoa. Braços levemente abertos, em um convite, a outra pessoa pode aceitar ou declinar o convite para dançar no centro. Neste momento, o coco demonstra uma parte de sua beleza gestual. Como destaca LÉO NETO (2012 p. 17), “Os dançarinos rodam livremente no centro, às vezes ao som de palmas ritmadas com a zabumba e o ganzá e, em algumas ocasiões de pessoas queridas na comunidade e que dançam muito bem, ovacionados, com brados de agitação que instigam os participantes a pisarem mais forte e a rodarem cada vez mais”.

Cabe, agora, destacar duas importantes características do Coco de Roda da Comunidade Ipiranga: as vestimentas utilizadas, sobretudo pelas mulheres; e, a estrutura musical, que extrapola um “simples” arranjo de notas e sílabas para uma forma de comunicação entre os participantes.

Figura 7 – Saias rodadas das alunas da Escola Municipal Lina Rodrigues-PB e integrantes do Coco de Roda Novo Quilombo.



Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

Ao observar o Coco de Roda, podemos notar que alguns participantes utilizam vestimentas semelhantes. Destacam-se, sobretudo segundo LÉO NETO (2012 p. 18), “as mulheres e as suas saias, com estampas de flores ou à semelhança de retalhos também com flores, explodindo em cores a cada vez que uma participante dança no centro da roda”. Longe de ser uma mera coincidência ou uma simples padronização para apresentação do grupo, encontramos um motivo específico para tal fato. Comenta-se de acordo com LÉO NETO (2012 p. 18), “que os tecidos utilizados para as roupas, antigamente, eram de baixa qualidade, chamados de “chita”. As roupas de “chita” tornavam-se uma espécie de critério de reconhecimento de indivíduos com baixa renda, as estampas coloridas do tecido de “chita” permanecem e sobrevivem, nas saias do coco de roda, como um critério de reconhecimento, mas não de pessoas consideradas pobres, mas de quilombolas que possuem o Coco de Roda como tradição e como forma de manifestação da cultura popular que também pode expressar

aspectos constituintes de uma Educação Popular, visto que busca resgatar suas raízes histórica e cultural não só através da preservação da dança, mas também dos elementos ou símbolos que a representam.

Outra questão também relevante que não podemos deixar de notar é o contato telefônico estampado nas costas das blusas dos integrantes do Coco de roda na figura 07, visto que demonstra que o Coco também se apresenta em outros espaços, e que essas apresentações podem ser gratuitas ou se dá a partir de cachês. Porém esses valores não são altos, apenas para manter o grupo com as vestimentas, transporte e alimentação do grupo.

Diante desse contexto histórico, econômico e cultural, a grande questão que se apresenta é se o Coco de roda expressa de algum modo uma forma de Educação Popular. Daí abordarmos no capítulo a seguir o conceito, alguns elementos constituintes e a história da Educação Popular no Brasil, bem como seus desafios e perspectivas.

CAPÍTULO 2
EDUCAÇÃO POPULAR

2.1 Aspectos históricos

O processo de construção e desenvolvimento da Educação Popular do modo como o conhecemos atualmente passa não só pela perspectiva crítica dos educadores que a sistematizaram, mas, também, pela conjectura em que o país vivia naquele momento (décadas de 1950 e início de 1960), pois esta deixa de estar vinculada e de ser compreendida como uma simples educação para o povo (por vezes imposta de maneira autoritária) e sim como uma educação com o povo, ou seja, desvincula-se a perspectiva que a associa apenas à instrução, norteando-a para que esta se situe enquanto prática que estimula a criticidade dos sujeitos, considerando o saber popular.

A educação popular, segundo Manfredi (1984, p. 40) pode ser entendida como um processo “que permitiria às classes subalternas elaborar e divulgar uma concepção de mundo organicamente vinculada aos seus interesses e não (...) como instrumento ideológico empregado pelas classes dominantes”.

Paulo Freire foi o educador que desenvolveu uma produção escrita e sistematizou a Educação Popular a partir de práticas realizadas nessa área, tornando-se referência desde a década de 1960. De acordo com Gadotti (1996, p. 35), ele “propôs uma educação de adultos que estimulasse a colaboração, a decisão, a participação e a responsabilidade social e política”. Além disso, já explicitava o respeito ao conhecimento popular.

Nas práticas de Educação Popular o exercício da criticidade vai ser reforçado pelo diálogo enquanto maneira de reflexão, que parte dos próprios sujeitos debruçados sobre as suas experiências, seus espaços comuns de interação e de seus olhares sobre a realidade que lhes é apresentada, vivida e sentida. E por isso mesmo que esse modelo de educação vai além da educação de Jovens e adultos.

No Brasil, diversos acontecimentos históricos contribuíram para o direcionamento tomado pela atividade educativa que, desde sua origem, sofreu influência do tipo de colonização e dos processos de desenvolvimento interno do país e das políticas externas.

No século XX, entre os anos de 1930 e 1960, período marcado pelo nacional-desenvolvimentismo, as atividades educativas, de acordo com Bezerra (1984), eram fundamentadas na alfabetização, na educação de base e na Cultura Popular, elementos que se voltavam apenas para a instrução e não para ao desenvolvimento de uma conscientização crítica. Na verdade, a autora explica que somente as atividades dos grupos preocupados com a cultura popular estavam voltados para “a afirmação de uma cultura verdadeiramente nacional, a luta contra a invasão cultural, contra o imperialismo e a desnacionalização, a

democratização pela valorização da expressão cultural e política das camadas populares” (p. 33). Em 1964, ano em que se deu início a um dos períodos mais obscuros do país – a Ditadura Militar –, se tem o retrocesso não só dos direitos civis e políticos, mas também do processo de desenvolvimento da Educação Popular, pois esta é tida como uma prática subversiva, em meio a esse contexto de repressão, tortura e recessão de direitos.

Duas orientações pedagógicas, estreitamente ligadas às forças políticas e às disputas pela direção do desenvolvimento, confrontavam-se à pedagogia tradicional, a pedagogia da Escola Nova e a concepção de educação popular com forte influência na cultura popular e nas teoria de Paulo Freire. E nesse momento do processo histórico brasileiro, a educação popular toma a forma do que ficou sendo conhecido como “a Cultura Popular dos anos 1960” (FÁVERO, 1983, p. 17).

O Golpe de 1964 representa a opção por um projeto de desenvolvimento cada vez mais associado e subordinado ao capital internacional. No contexto da ditadura, sob a influência das teorias crítico-reprodutivistas e de desescolarização, ampliam-se as análises do Estado e da escola como aparelhos de reprodução da ordem capital.

As expressões do povo como sujeito de sua história de conscientização e de organização, protagonismo do popular, causam transformações políticas de finalidade da educação e os métodos prática-teoria-prática, ver-julgar-agir e ação-reflexão-ação representam a orientação das práticas educativas desde a concepção da Cultura Popular estabelece-se, desse modo, o vínculo entre a educação, a política e a cultura, educação em busca de um novo projeto de sociedade.

Nas décadas de 1970 e 1980, tem-se uma prática educativa de cunho populista e não popular expressa principalmente pelo Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), cuja preocupação central era apenas a alfabetização de adultos sem a preocupação com a formação de uma criticidade.

A Educação Popular e a Cultura Popular, que guarda uma tradição de ensinamentos, podem elevar o ser humano à busca pela conscientização do indivíduo, perspectiva que pode ser absorvida pelas futuras gerações. Com seu caráter interdisciplinar, a Educação Popular pode fortalecer a reflexão do sujeito social sobre sua realidade de vida e, com isto, estimulá-lo a refletir sobre o outro buscando a mudança.

Contudo, criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas “originais”; significa, também, difundir criticamente as descobertas, “socializá-las”, por assim dizer; transformá-las em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral.

O fato de que uma multidão seja estimulada a pensar criticamente a realidade presente é um fato cultural bem mais importante e original do que a descoberta de uma nova verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos intelectuais.

Apesar disto, encaminhamento para o ensino crítico da Educação Popular não se reduz à defesa de um saber estritamente ingênuo, muito menos, em trato exclusivamente pedagógico conformista. A Educação Popular é questão eminentemente concreta, fruto da prática social, marcadamente contraditória, pois é resultante de conflitos entre as classes sociais e é isso que estimula os sujeitos sociais a se tornarem sujeitos históricos-sociais, ou seja, não apenas assistir dos acontecimentos históricos de nossa sociedade, mas sim fazem parte dele, como protagonista na luta por um mundo mais justo e igualitário.

Diante do exposto, levantamos a discussão da possibilidade de conexões entre saberes da Cultura Popular e da Educação Popular, pois ainda hoje persiste o preconceito em relação a essas temáticas, desde os nossos governantes que veem essa junção como sendo apenas manifestações do senso comum, no que diz respeito a manipulação da classe dominante em relação a sociedade, até por parte da sociedade burguesa, que não concebe tais conexões com a relevância devida para a construção de uma sociedade mais digna.

No entanto, a nosso ver, a Educação Popular está como ponto de partida para a aquisição do direito pela cidadania, há mais de 50 anos, no Brasil. E se tornou um paradigma educativo de resistência, devido às reflexões sobre a realidade visando uma educação libertadora. Prevalece a utopia de que a Educação Popular pode nos libertar, oferecendo confiança para defender nossas ideias e nossa consciência crítica, destacando o ponto de vista e defendendo o direito que leva a razão a natureza do pensamento do sujeito social autêntico e personificado livre da opressão.

A Educação Popular, a partir do diálogo com um horizonte teórico-metodológico dialético, unir o discurso e a prática em prol de um aperfeiçoamento do social, negando o conformismo e a opressão da classe dominante. Na direção desta educação devemos nos questionar sobre nossas escolhas para, assim, realmente acreditamos nas nossas potencialidades, e a partir disto pudéssemos defendê-las, para nos conscientizarmos contra o conformismo imposto pela ideologia dominante. A Educação Popular não nos dá somente confiança para desafiar a ideologia dominante, às crenças e às tradições da elite. Também nos faz desenvolver nossas próprias ideologias, que podem ajudar a nos destacarmos diante da alienação das massas existente nos dias atuais.

Desse modo a proposta da Educação Popular é a de tornar o indivíduo menos passivo e menos inclinado a seguir preceitos da ideologia dominante. O inspirador na Educação

Popular é a ideia de que todos podem pensar criticamente, ou mais que isso, todos têm a responsabilidade de pensar criticamente, pois uma vida sem reflexão crítica não vale a pena ser vivida: considerando que “Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio” (FREIRE, 2000, p. 43). Além disso,

A educação das massas se faz, assim, algo de absolutamente fundamental entre nós. Educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação. A opção, por isso, teria de ser também, entre uma “educação” para a “domesticação”, para a alienação, e uma educação para a liberdade. “Educação” para o homem-objeto ou educação para o homem- sujeito (Ibidem, p. 44).

Vale salientar que Paulo Freire elaborou uma proposta teórico-metodológico para o trabalho de alfabetização de pessoas jovens e adultas, por meio do qual elas, através do diálogo, aprendem de maneira crítica, criativa e autônoma, a rever o próprio mundo social que as fez. Freire foi um educador conectivo, um homem do diálogo, que sempre soube escutar seus interlocutores, isto é, um construtor de diálogos.

Para Freire (1998), o ato de ler é importante no sentido de o homem e a mulher conhecerem o mundo e, ao compreenderem os elementos constituintes de sua cultura, tornarem-se seres livres para pensar, falar, para viverem como donos de seus próprios destinos. Eis o sentido de um trabalho político, por meio da cultura e de um trabalho crítico por meio da educação. Esse é o sentido de um educador conectivo, que nos deixou em 1997, mas que sempre será lembrado, por causa de ideias que trouxeram um novo sentido para a Educação. Vejamos como o mesmo definia o homem no mundo:

Entendemos que, para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida. É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é (FREIRE, 2000, p. 47).

Em “Educação como prática para a liberdade”, o autor contextualiza o momento de transição em que a obra é escrita e menciona como o processo acelerado da modernidade reflete na sociedade, sugerindo uma linearidade, em detrimento da liberdade que os sujeitos podem adquirir, em um processo de reflexão e pela sua influência direta com a educação, nessa obra, reflete também, sobre a forma como o sujeito se integra na sociedade, e para justificar esse argumento, assevera que a interação entre os indivíduos é necessária para

efetuar mudanças de uma época para outra, portanto, o agente epistemológico dessa transição são o homem e a mulher. Sendo assim, a Cultura Popular e a Educação Popular estão diretamente relacionadas e enraizadas na história do nosso povo, necessitando de uma constante reflexão, através das raízes culturais, a fim de que a sociedade possa atingir uma concepção cultural, social e histórica, conforme reflete a citação que segue:

Herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se o homem num domínio que lhe é exclusivo – o da História e o da Cultura (FREIRE, 2000, p. 49).

Esse processo filosófico e sociológico gira em torno de um mesmo princípio, segundo o qual, há uma vontade de transformar verdades inseridas por um processo de imposição, em que os sujeitos são submetidos aos dogmas normativos da sociedade, em verdades construídas gradativamente, na relação do sujeito com a natureza, a partir do conhecimento de mundo que cada sujeito adquire.

Situada nesse contexto, a concepção construída pelos indivíduos reflete no existencialismo dos sujeitos, que emergem rumo à liberdade, sendo ele o próprio fio condutor que vai ligar a sua vida normativa a sua vida racional (a razão), fazendo com que o racionalismo adquirido nesse processo possa integrá-lo em um pequeno ciclo intrínseco a outro maior.

Quando se pensa em objetivos para o a Educação Popular nos dias atuais, parece que os objetivos seriam o de dar oportunidades e possibilidades de transformação do indivíduo a partir da sua conscientização que é caracterizada como uma experiência com o pensamento conceitual, isto é, que está relacionada com sua prática.

Assim, para que a Educação Popular supere as carências básicas da educação, em seu contexto interdisciplinar, devem-se desenvolver técnicas didáticas, pois o educador popular não pode se abater por condições que geralmente são precárias. O desejo de mediar discussões deve superar o contexto das dificuldades da realidade para que se possibilitem mudanças. Certamente, isso ajudará a combater as dificuldades e a deficiência educacional que temos em nossa sociedade, porquanto o educador popular deve determinar experiências que possam ser desenvolvidas para combater as carências e, então, prosseguir nos estudos básicos e experimentar o ensino nessa perspectiva crítica. Isso acontecendo através do diálogo investigativo do aluno com o a realidade a sua volta e consigo mesmo, em um movimento de investigação filosófica, na busca de elaborar conceitos e categorias que possam dar conta de

seus problemas. Assim, o jovem e o adulto, além do pensamento crítico do cotidiano, poderiam usar o pensamento filosófico para recriar-se a si mesmo e ao mundo através da *práxis* social.

Na Educação Popular existem caminhos que podem ser trilhados, entre eles, o exercício do pensar, pois esse deve ser desenvolvido sob uma nova perspectiva. Por isso, entendemos que a educação popular é o saber determinado pelo povo, ou seja, cada ser pensante dá sequência à Educação Popular, dando um início àquilo que ele determina ação educativa, todavia não qualquer saber, não se trata do senso comum, mas sim dos saberes aprendidos em suas vivências ou repassados por outros sábios de geração em geração, isto é, os saberes populares.

A relação entre a Cultura Popular e a Educação Popular pode ser fundida estabelecendo uma continuação. Com novos estilos e com o auxílio das novas tecnologias a educação popular desenvolve aquilo que é, de certa forma, sempre um recomeço na Educação Popular, que sempre é retomada pela Cultura Popular e que tradicionalmente supera modelos anteriores.

A poesia, os contos, as músicas, os livros e os filmes que representam a Cultura Popular são elementos muito interessantes que podem ser utilizados para essas mudanças. É fundamental que o educador se aproxime cada vez mais dos universos da Cultural Popular para que depois o cotidiano social seja realmente modificado pela *práxis* estimulada pela Educação Popular. E o cotidiano realmente deve ser o cenário dessa aproximação, a fim de que todos os envolvidos nesse processo possam tomar a cultura e a educação como verdadeira forma de ver o mundo. Nesse contexto, temos perspectiva para discutir os temas pertinente a realidade dos sujeitos aprendentes, possibilitando a tomada de consciência sobre assuntos em questão, estimulando a reflexão crítica. Nesta abordagem o tema é transformado em um problema. É equacionar e elaborar a questão norteadora, de forma que possa ser colocada uma interrogação em determinado contexto. Essa etapa é responsável pela condução da experiência filosófica de pensar no agir no mundo.

A partir dessa problematização é que determinados temas podem ser questionados, criando-se um movimento em direção a possíveis mudanças. Esse movimento possibilitará a representação de ideias e, assim, pode-se ter consciência crítica sobre os problemas para poder superá-los. Essa é, pois, uma tarefa fundamental da educação popular para motivar mudanças. Reconhecendo, inclusive, que nem toda mudança virá da luta de pequenos grupos, visto que uma efetiva transformação social da sociedade capitalista depende das lutas de classes.

Ressaltamos, ainda, que Freire iniciou essa militância porque passou por problemas. Para ele, a sua realidade estava repleta de problemas. Portanto, pode-se dizer que ele iniciou aquilo que hoje tentamos fazer, tomar um problema como partida e a conscientização como chegada para uma nova partida que é a ação para a mudança do indivíduo consciente de si e dotado do poder de mudança. É necessário, que assim como foi para Freire, que, a partir dos problemas, cheguemos à construção de outro mundo possível. E depois de enxergarmos a esse mundo possível e melhor, subsequentemente, encontramos ferramentas e soluções na nossa própria história de luta e resistência do povo brasileiro.

A efetivação dessas atitudes seria a forma de recriar novos caminhos de ligação entre a Cultura Popular e a Educação Popular, entre a escola e as comunidades, entre os professores e os alunos, entre os governos e as classes populares.

Afinal, pensar sobre os desafios e perspectivas da Educação Popular na história do Brasil e hoje na realidade política nacional não é apenas em uma dimensão só do observador, mas o próprio ato de pensar que esse observador é agente de mudança e perguntar que sentido tem pensar algo que está errado e não tentar modificar essa realidade, e pensar o que aconteceria se pensássemos diferentemente e agíssemos diferentes em prol de mudanças.

E isso são experiências fundamentais para o futuro, pois é notório que existem boas perspectivas para a Educação Popular, mas lembrando que só na militância é que o novo pode surgir e que, a exemplo de muitos países da América do Sul e Caribe, ainda temos que desenvolver as habilidades de leitura e de escrita, em um ensino que prioriza o exercício do pensamento, pois se lê mal e se escreve mal em nosso país. Então, a Educação Popular deve também assumir essa perspectiva de vencer a aversão à leitura e à escrita, pois a educação popular está relacionada à sociedade, através do pensamento da reflexão e dá ação e os sujeitos devem ser capazes de proceder a essa reflexão crítica estimulando sujeitos transformadores e políticos. Nesse contexto, deve promover uma transformação nos meios social, acadêmico e pessoal, estabelecendo os princípios de justiça, cidadania e sociabilidade entre os indivíduos de uma sociedade.

2.2 Elementos constituintes da Educação Popular: diálogo, conscientização, conhecimento popular, *práxis*, participação

No decorrer deste tópico, apresentaremos algumas considerações sobre algumas categorias constituintes da educação popular, pois, de acordo com Abbagnano (1998), em geral, categorias são qualquer noção que sirva como regra para a investigação ou para a sua

expressão linguística em qualquer campo. Historicamente, o primeiro significado atribuído às *categorias* é realista, pois elas são determinações da realidade e, em segundo lugar, noções que servem para indagar e paracompreender a própria realidade.

Embora existam outros podemos citar aqui alguns desses elementos constituintes da Educação Popular, a exemplo do diálogo, conscientização e conhecimento popular, *práxis*, participação e luta, Beiseigel (2008) destaca que o processo de alfabetização de adultos não se resume apenas em alfabetizar, mais sim em dar condições da realidade do povo. Mais que isso, partir do *diálogo*, já que, para grande parte do pensamento antigo, não é somente uma das formas pelas quais se pode exprimir discurso filosófico, mas a sua forma típica e privilegiada, isso porque não se trata de discurso feito pelo filósofo para si mesmo, que o isole em si mesmo, mas de uma conversa, uma discussão, uma pergunta e uma resposta entre pessoas unidas pelo interesse comum da busca da forma natural no diálogo. Também consolida a superioridade do diálogo como forma literária, que procura reproduzir o ritmo da conversação e em geral da investigação conjunta, está presente de modo mais claro em todas as formas da *dialética* e não se pode dizer que esteja totalmente ausente da indagação filosófica mais do que qualquer outra, procede através da discussão das teses polêmicas incessantes entre as várias diretrizes das pesquisas.

O diálogo expressa uma educação que estimula a consciência crítica e que aqueles que tardiamente aprenderam a ler e a escrever possam a partir da educação de jovens e adultos também reler e reescrever o seu mundo. Que com o uso da leitura e do diálogo os envolvidos com a Educação Popular compreendam melhor o seu ser; respeite o outro e assim transforme o seu mundo.

Conforme Machado (2012, p. 152), “a educação popular constitui-se um paradigma sistematizado por Paulo Freire que visa contribuir para o processo de *conscientização*”, que é o ato ou efeito de conscientizar-se para uma tomada de consciência da natureza e das relações humanas dentro da sociedade em que se vive buscando sempre uma forma de superação das relações de exploração e de como atuar para modificar essas, e de estar ciente dos próprios estados, percepções, ideias, sentimentos e convicções, pois quando se diz que um sujeito tem conscientização sobre fatos certamente esse está consciente ou tem consciência da realidade ao seu redor e que não está por fora ou nem afastado da realidade e dos acontecimentos pois sua atenção esta totalmente ligada a seus modos de ser e a suas ações.

A conscientização produz a desmitologização.(...) Por isso mesmo a conscientização é o olhar mais crítico possível da realidade, que a desvela para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e ajudam a manter a realidade da estrutura dominante (FREIRE, *apud* MACHADO, 2012, p. 164)

De acordo com essas definições, é possível perceber que há realmente uma distinção entre o discurso dos que são educados pela educação popular, tendo em vista que a educação para ser popular deve ser crítica, problematizadora, voltada para a conscientização da população, pela tradição de militância pedagógica, que procura explicar a realidade de outra forma a fim de transformá-la.

Mas a Educação Popular procura ir além do discurso, pois volta-se à *práxis* social, Podemos definir a *práxis* com esta palavra, que é a transcrição da palavra grega que significa ação, a terminologia marxista que designa o conjunto de relações de produção e trabalho, que constituem a estrutura social, e a ação transformadora que a revolução deve exercer sobre tais relações. Vazquez (2007) nos alerta que é preciso explicar a formação das ideias a partir da “*práxis* material” e que, por conseguinte, formas e produtos da consciência só podem ser eliminados por meio da inversão prática das relações sociais existentes e que a reação do homem às condições materiais da existência e sua capacidade de inserir-se nas relações de produção e de trabalho e de transformá-las ativamente é a subversão da relação fundamental entre as estruturas e as super estruturas. Assim, são a totalidade das relações de produção e de trabalho que determinam as relações humanas e, uma das suas maiores críticas a partir do pensamento de Karl Marx, foi a de que os filósofos pensaram sobre o mundo e que agora o necessário era transformá-lo.

Dizemos “Práxis” transcrevendo o termo empregado pelos gregos na Antiguidade para designar a ação propriamente dita. Como se sabe, em nosso idioma dispõe também do substantivo “Prática”. Tanto um como outro termo (“Práxis” e “Prática”) podem ser empregados indistintamente em nossa língua, embora seja o segundo o que se costuma usar na linguagem comum e na literária; o primeiro, em compensação, só é reconhecido- e, mesmo assim, não sempre- no vocabulário filosófico. Sem descartar completamente o vocabulário dominante na linguagem comum, preferimos utilizar em nossa pesquisa- apesar de seu uso restrito- o termo “Práxis”. A razão que nos levou a isso foi justamente a de livrar o conceito de “prática” do significado predominante em seu uso cotidiano que é o que corresponde, como veremos ao longo desta introdução, ao de atividade prática humana no sentido estritamente utilitário que tem em expressões como estas: “homem prático”, “resultados práticos”, “profissão muito prática (VÁZQUEZ; 2007, p. 27-28).

Para o autor, a *práxis* torna possível a passagem da teoria a prática e assegura a íntima unidade entre uma e outra quanto a categoria conhecimento, este vem do latim e significa *cognoscere*, conhecer pelos sentidos. O conhecimento passa a existir quando o indivíduo traduz a experiência vivenciada, através do pensamento e da linguagem, Segundo Freire (1998, p. 50):

A construção do conhecimento pelo sujeito tem por base as dimensões políticas, econômicas, sociais e culturais do espaço onde ele vive. Reforçando que a construção do conhecimento deve se basear num diálogo multipolar permanente entre todos os intervenientes no processo de ensino e aprendizagem, querem eles estejam dentro ou fora do espaço físico escolar.

Mas não estamos falando de qualquer conhecimento, e sim do saber popular visto que o autor ainda afirma que a construção do conhecimento é algo que acontece a todo o momento e envolve variáveis que vão além do cognitivo, envolvendo o sensitivo, o motor, o estético, o intuitivo e o psicológico etc. O sujeito, a comunidade e o “mundo” têm um papel fundamental na construção do conhecimento individual e coletivo, mas isso só é possível com a *participação*, pois, para a Educação Popular, o significado dessa categoria é de extrema importância para a construção de uma sociedade mais igualitária, tendo em vista que a participação é o ato de fazer saber, comunicar, informar, tomar parte, compartilhar e associar-se pelo sentimento e pelo pensamento na busca pela mudança e pela melhoria individual e coletiva dos sujeitos em comunidade. De nada vale o saber, a crítica, se não partimos para ação, se não participamos das lutas e conquistas sociais.

A Educação Popular é uma proposta de educação crítica para a mobilização da sociedade. É a educação que busca a conscientização sobre determinada problemática, sendo que ela não pode impor, ou seja, não pode obrigar ninguém a se mobilizar, mas ela pretende que a sociedade tome ciência de sua situação e que parta dela mesma o interesse de *lutar*, pois isso significa combater a opressão com oposição firme contra a violência feita por grupos ou por pessoas. As classes populares possuem o esforço em superar e vencer obstáculos ou dificuldades, enfrentando também conflitos no âmbito político, econômico e cultural, envolvendo interesses e disputas por *status* social, estabelecendo, no decorrer da história, formas explícitas entre as diferenças de classes sociais, considerando uma característica fundamental das sociedades humanas e que quase sempre são motivadas por posições contraditórias que ocupam essas classes nos processos de produção econômica e cultural por seus direitos, enquanto que repassados para cada geração de uma sociedade, pois como segue a citação:

Compreende-se a educação popular, fundamentada no referencial teórico-metodológico freiriano, como uma concepção de educação, realizada por meio de processos contínuos e permanentes de formação, que possui a intencionalidade de transformar a realidade a partir do protagonismo dos sujeitos na luta (GADOTTI, 1996, p. 36).

Desse modo, a Educação Popular vai estimular a crítica da realidade em que as pessoas vivenciam. Como podemos reforçar na afirmação de Freire (2000, p. 52):

O movimento de educação foi uma das várias formas de mobilização adotadas no Brasil. Desde a crescente participação popular através do voto, geralmente manipulada pelos líderes populistas, até o movimento de Cultura Popular, organizado pela União Nacional dos Estudantes, registram-se vários mecanismos políticos, sociais ou culturais de mobilização e conscientização das massas.

Assim, faz-se necessário uma distinção entre educação popular e conhecimento popular, pois, para muitos, esses dois elementos podem ter o mesmo sentido, porém são elementos completamente diferentes, os quais estão interligados, o que não quer dizer que é a mesma coisa.

Conhecimento popular difere de senso comum. É o conhecimento que deu embasamento a todos os outros, obtido através de ações planejadas a partir das experiências vividas. Surgiu através da relação e compreensão dos sujeitos sociais com o mundo, numa expectativa de sobrevivência que terá continuidade enquanto o ser humano existir, pois, surge na relação dele com a realidade ou objeto. Embora existem vários tipos ou formas de conhecimento, nos detemos aqui nos conhecimentos populares, das quais são conhecimentos repassados de geração para geração como ao que são passados no coco de roda, podendo ser ou não exato. Destacando também que ele pode se tornar conhecimento científico quando for testada e confirmada sua veracidade. Este conhecimento constitui um conhecimento contingente, pois suas preposições ou hipóteses têm a sua veracidade ou falsidade conhecida através da experimentação.

Não estamos dizendo que o conhecimento popular é um todo homogêneo e coerente. Existem divergências de pensamento entre as próprias camadas populares. Além disso, o seu conhecimento (...) não é livre da influência do que é dominante na sociedade (COSTA, 1987, p. 16).

Conforme a referida autora, “o conhecimento popular não é o ‘senso comum’ que precisa da ciência para ultrapassar a influência da ideologia dominante” (Ibidem, p. 24). Para ela nosso conhecimento científico não nos autoriza a dizer o que as camadas populares devem ou não pensar ou fazer, pois elas também conhecem, por outros caminhos, a engrenagem da sociedade, o seu conhecimento também vem sendo elaborado e acumulado ao longo da história.

Assim, conhecimento popular nada mais é do que os conhecimentos que adquirimos no cotidiano através de experiências vivenciadas, propositalmente ou não. Tais experiências nos são passadas desde o nosso nascimento pelos mais velhos e, assim, faremos com as seguintes gerações, transmitindo valores e princípios criados no decorrer da construção da humanidade.

Por vezes, precisamos considerar que a grande maioria dos conhecimentos científicos tem base no conhecimento popular, vem do mesmo a inspiração para investigação e comprovação de determinada coisa.

Percebemos que levamos esse conhecimento popular a sério, e até mesmo sem perceber nos utilizamos dele diariamente, um exemplo disso nas vivências que compartilhamos em toda essa pesquisa no quilombo de Ipiranga nas rodas de coco, nas conversas com os mais velhos e na ação educativa com os jovens e os adultos desse lugar de mistura de conhecimento com educação popular e cultura popular e na luta pelo território.

É por isso que o debate acerca da construção do conhecimento e da cultura popular contribui com a Educação Popular enquanto uma prática social e política que visa estimular a criticidade dos sujeitos sociais, especificamente das classes subalternizadas.

O exercício da criticidade, portanto, vai ser reforçado pelo diálogo enquanto maneira de reflexão que parte dos próprios sujeitos debruçados sobre as suas experiências, seus espaços comuns de interação e de seus olhares sobre a realidade que lhes é apresentada, vivida e sentida.

Ao apresentar a categoria diálogo, perpassando cronologicamente as fases históricas que serviram de base para o seu desenvolvimento fundamentando-a, desde a origem do seu termo até a inserção do diálogo no contexto atual, trazendo a relação intrínseca entre a Educação Popular no Brasil sob uma perspectiva freireana.

Assim, essa forma de diálogo tida como precisa no pensamento de Paulo Freire surge como uma essência para prática de liberdade, ação e reflexão da realidade construída em coletivo e, assim:

A Educação Popular deve estar a serviço de uma presença coletiva, de um sentimento de pertencimento no mundo, de uma identidade coletiva em torno de um projeto utópico; resgatando as raízes históricas dos sujeitos, memórias coletivas e suas relações com presente (MELLO, 2005, p. 19).

Através de todo um processo histórico, podemos perceber como a Educação Popular se desenvolveu baseada em duas percepções, a primeira que traz a educação enquanto uma atividade educativa apenas de cunho instrutivo e legitimador da ordem, mas que é voltada para as classes populares e a segunda a qual comungamos, que traz a concepção de Educação Popular enquanto prática política e social construída e fortalecida pelo diálogo, este enquanto uma reflexão que busca conscientizar através da exposição de ideias, E essa forma de interação se traduz como a essência da liberdade, da ação e da reflexão da realidade, sendo na perspectiva freireana uma interação não hierárquica e não impositiva que considera as verdades individuais de forma que cada uma tenha sua significância, de modo que na junção de todas elas, possam-se desenvolver decisões para a transformação do meio.

Assim, a partir desse pressuposto é estabelecida a possibilidade da coletividade criar e recriar, e conseqüentemente transformando, ao mesmo passo que desenvolve uma consciência crítica, a transformação da realidade social.

2.3 A Educação Popular hoje: desafios e perspectivas

De acordo com as perspectivas da Educação Popular, as implicações no processo de globalização estão se dando com grande avanço nos últimos anos e a construção de saberes e práticas interculturais estão sendo tratadas como possibilidades de interação entre as diversas formas de compreender os fenômenos culturais e educacionais hoje.

Segundo Wanderley (2010), estas implicações se dão no contexto micro e macro, e nas relações existentes no local e no global. Quando se trata do conceito de micro está se falando das relações promovidas por mudanças social que a Educação Popular dá aos envolvidos na busca pelo conhecimento e por todas as relações íntimas envolvidas no cotidiano escolar e comunitário na educação formal e informal. E quando se trata das relações macro, observa-se o avanço de políticas públicas facilitadoras de uma busca igualitária pela educação para todos e o respeito estabelecido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, onde se deixa claro que o direito à educação é um bem comum a qualquer pessoa.

Já na perspectiva local é onde as ações da Educação Popular realmente podem ser consideradas como uma busca pela conscientização do homem, pois o autor acredita que o

homem consciente é aquele que vive a história de sua época e não se acomoda com as dificuldades encontradas no seu caminho.

Agora se tratando de aspectos globais é notória a revolução cultural que está se passando no mundo contemporâneo, pois um educador popular deve agir no local e pensar no global, pensar as possibilidades que a tecnologia da informação pode lhe dar e pensar como buscar práticas que estabelecerão uma busca justa pela cidadania e por uma sociedade global mais igualitária.

E, assim, a Educação Popular como vai se firmando como teoria e prática educativa alternativa às pedagogias e às práticas tradicionais e liberais, que estão a serviço da manutenção das estruturas de poder político, de exploração da força de trabalho e de domínio cultural.

As primeiras teorizações e práticas educativas alternativas foram as dos socialistas, anarquistas e comunistas e remetiam aos processos formais e não formais de cultura para educação a partir de uma concepção educativa que tinha elementos de diferenciação tanto da pedagogia tradicional quanto da pedagogia da Escola Nova que ia emergindo.

O relatório global sobre aprendizagem de adultos da UNESCO (2010) destaca o grande fenômeno intercultural que é a Educação Popular no mundo e a grande diversidade étnica e a grande pluralidade dos povos e das nações que fazem uso da Educação Popular para a superação das dificuldades impostas pelo capitalismo e por toda pressão mundial em prol do desenvolvimento. Aqui no nosso Continente, o Conselho de Educação de Adultos da América Latina (CEAAL), é o responsável pela grande articulação entre os países latino-americanos pela democratização da educação no novo mundo.

Carlos Rodrigues Brandão, uma das grandes referências na área da Educação Popular, publicou um artigo na Revista Latino-Americana *La Piragua* (2011) destacando o resgate histórico da militância latino-americana em busca de uma unidade continental em prol da Educação Popular que foi republicado em Irelemo e Pontual (2006), no qual destaca o considerável avanço da Cultura Popular e da Educação Popular nas últimas décadas. Brandão destaca o compromisso que temos com a história e com as perspectivas para o futuro da educação no nosso continente, afirmando a dualidade existente na história das conquistas dos nossos povos, dualidade essa que divide as classes e coloca a sociedade em um confronto da elite x pobre, o popular x clássico, o dominador x dominado e o conscientizado x alienado. Revela, ainda, que só a luta das massas das camadas populares é que podera romper esse dualismo.

Nesse contexto, de crítica a esse sistema, está o sujeito social como o fio condutor do conhecimento e sendo esse sujeito o detentor de analisar, compreender e de criticar aquilo que lhe é exposto, levantando a hipótese de que as coisas são, enquanto são, ou seja, que por traz das aparências das coisas podemos observar outras aparências, e assim, aquilo que é para um uma verdade, para outros não são.

Atualmente, se pretende que a Educação Popular possa dar as pessoas ao menos a condição de refletir sobre as verdades das quais se acreditam e as verdades que lhe são impostas e, com isso, as pessoas possam se interrogar e formular melhor seus discursos e suas posturas sobre na sociedade do capital. A interpretação das coisas como são é um ponto de partida para que com a sabedoria popular somada à científica possa se avaliar a realidade exposta e identificar os valores que para muitos não são.

A análise atual da Educação Popular em seus desafios e perspectivas está na forma como as pessoas observam a realidade. Ser justo para um, não é ser justo ao outro, ser benéfico aos prazeres do sujeito social pode não ser benéfico à vida ele próprio e o que é defeituoso a uma cultura pode ser considerado o ideal a outra cultura, e esses conceitos sendo analisados pelo olhar crítico da educação popular. Esta é uma grande problemática na sociedade contemporânea, pois deixa claro que a realidade de um povo tem que ser compreendida pelo seu próprio povo e que os sujeitos têm a responsabilidade em se autoanalisar para que, com isso, possam deixar para as futuras gerações um legado que priorize o autoconhecimento e que a busca pela verdade está na relação do sujeito com o mundo e que é ele que tem que mergulhar nesse universo, pois é o sujeito a medida de todas as coisas e também o fio condutor das transformações e, conseqüentemente, o poder de analisar criticamente o seu ser, o do outro e as coisas que estão expostas no seu mundo e na sua realidade.

As pesquisas na área da Educação Popular buscam ter o caráter de *práxis*. Com registros atuais como ponto de partida e os de intenções de mudanças na prática, na ação do homem como ser de ciência e com as reflexões filosóficas para se adquirir conhecimento do homem empírico em busca de conhecimento científico, pois a vontade dos que fazem a educação popular devem ser o de conhecer, produzir e relatar novos conhecimentos sobre para realidade dos indivíduos que vivem em comunidade, a fim de transformar a realidade social. Mas como desenvolver isso? Sendo criterioso com a razão, sendo crítico com a especulação e buscando sempre uma lógica argumentativa que supere as sensação e as percepções e representações ingênuas do mundo real interpretando, as coisas pela ciência e pelo conhecimento adquirido ao longo dessa caminhada da Educação Popular na América

Latina. Observar o caráter próprio específico sobre a Educação Popular na propriedade que exista e que defina o que realmente é a Educação Popular e nas relações com sujeitos com os outros e com as subjetividades para que se afirme sempre intenção de educar e que se garanta uma aprendizagem que valorize transmissão do conhecimento sempre pautada em decisão prévia com planejamento e deliberação nas organizações das ideias pedagógicas que norteiam a Educação Popular sempre avaliando se houve processo ensino aprendizagem passando de geração por geração é que fomentem novos fenômenos educativos.

É preciso superar os conformismos e sair do reduto dos discursos e considerar as conexões de saberes existentes entre o conhecimento popular e conhecimento científico para poder superar as dificuldades existentes na educação popular em busca de um “triplo processo” de humanização, socialização e singularização, pois educação não é um privilégio e sim um direito. Assim, compreender que refutar não seja apenas negar a existência de algo e sim a possibilidade de ratificar, mediante a possibilidade de confirmar a existência de algo, como assim também dando a possibilidade de retificar, analisando e detalhadamente o real e refazendo categorias que afirmem possibilidades de novas perspectivas para o real com práticas próprias e com relações intersubjetivas com intencionalidade para uma aprendizagem sistematizada na formação do sujeito para participação no cotidiano cultural e educacional em suas relações, pois, culturalmente, o que existe no cotidiano cultural hodierno são culturas paralelas e distintas que socialmente são complementares umas das outras e que não se negue nunca a questão fundamental que é a da política, pois a Educação Popular no contexto de hoje deve se preocupar com que conteúdos ensinar, a quem ensinar, a favor de quem ensinar, contra quem ensinar, como ensinar.

A realidade existe antes mesmo de ser pensada ou mesmo se não é pensada e as categorias da Educação Popular sem organização não trazem mudanças a essa realidade concreta que só se apresenta após uma análise teórica e reflexiva nas ordens das categorias que são dadas de acordo com as necessidades. Então, a partir disso é que deve surgir uma mudança e não um simples receituário de métodos e formulações de repetições daquilo que já foi especulado por pensadores da educação popular em tempo atrás, pois a realidade não é compreendida em uma forma rígida, e sim em extrema mudança cotidiana.

E, assim, espera-se que a educação popular, nessas novas perspectivas continentais de articulação, possa se destacar como uma educação que venha do povo com um caráter de criticidade histórico dialético e uma educação como base na comunidade e uma educação popular que não possa ser confundida com uma educação informal sem intencionalidade de ser. E sim com condições de existência das camadas populares e práticas de grandes e

importantes mudanças sociais que tragam proposta de trabalho e atividades de concretização da prática nas formas de organização do trabalho em um processo de conhecimento partindo das discussões e de encaminhamento do povo com perspectivas crítica e ações vinda de *práxis* nas raízes dos fatos sociais do próprio povo das quais de condições de existência e de superação das fronteiras sociais que influenciam o mercado de trabalho e o mercado alienante da cultura das massas, que nesse mundo contemporâneo o domínio público da educação popular seja em busca de um comprometimento da educação com os conceitos ético, político, técnico cooperativo, associativos de nosso povo

E, reafirmando nosso compromisso com a Educação Popular e com a Cultura Popular, no próximo capítulo iremos mostrar os indicadores sociais da comunidade quilombola de Ipiranga e dissertar a interpretação e transcrição das entrevistas analisando as possibilidades de saberes e práticas da Educação Popular no Coco de Rode no quilombo de Ipiranga, objetivando possibilidades de mudança nesse contexto a qual a pesquisa foi realizada nos aspectos da educação, cultura, lazer, saúde, trabalho, família e renda dessa importante matriz negra responsável por construir a sociedade paraibana do litoral Sul da Paraíba, pois um pensador deve escrever sobre o seu tempo e com o auxílio da Educação Popular compreender e agir e prol da mudança da realidade do território pesquisado.

CAPÍTULO 3

COCO DE RODA NOVO QUILOMBO: saberes da cultura popular e práticas de educação popular na comunidade quilombola de Ipiranga no Conde-PB

3.1 Análise do perfil sócio-econômico dos sujeitos entrevistados do grupo Coco de Roda Novo Quilombo

No presente Capítulo analisamos o perfil socioeconômico dos sujeitos entrevistados do grupo Coco de Roda Novo Quilombo, bem como refletimos sobre a realidade cultural desses mesmos sujeitos desta proposta de pesquisa-ação, identificando um processo de conscientização crítica dentro do grupo de Coco de Roda Novo Quilombo e investigado a importância deste grupo na vida dos sujeitos da pesquisa-ação e relatando de que forma o Coco de Roda Novo Quilombo tem contribuído com a Cultura Popular e com a Educação Popular dos membros da comunidade, elucidando, a partir disto, os desafios e as perspectivas que a Educação Popular enfrenta na contemporaneidade.

Como dissemos inicialmente, os sujeitos da nossa pesquisa são os integrantes do grupo Coco de Roda Novo Quilombo, os quais foram escolhidos por participarem não só do Coco de Roda, como pelo fato de serem alunos da escola onde lecionamos a disciplina de Filosofia e Direitos Humanos. O que facilitou o acesso e o diálogo. O grupo possui hoje cerca de 30 participantes, nós entrevistamos 10 pessoas, o que representa, uma porcentagem estimada de 33% do grupo.

Para abordarmos a problemática aqui delimitada, utilizamos a pesquisa qualitativa, por entendermos que essa abordagem é a que melhor atende à natureza das entrevistas semi estruturadas realizadas com os participantes desta pesquisa de campo. Cabe lembrar que para a análise dos dados utilizamos a técnica de análise de conteúdo, visto que:

As diferentes fases da análise de conteúdo, tal como o inquérito sociológico ou experimentação, argumenta-se em torno de três polos cronológicos: 1) a pré –análise, 2) a exploração do material, 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (BARDIN, 2011, p. 123).

Optamos por realizar a presente pesquisa no território quilombola de Ipiranga por esta totalmente envolvido como educador popular nesse *lôcus* de pesquisa. Escolhemos esse lugar e esses participantes por acreditarmos que os sujeitos dessa pesquisa teoricamente ficariam mais a vontade para responder com sinceridade nossos questionamentos, visto que como pesquisador e também professor no território, desenvolvemos afinidade com todos os colaboradores desta pesquisa.

Para a coleta das informações acerca do perfil dos entrevistados utilizamos um formulário (segue em anexo), onde abordamos as seguintes variáveis: sexo, estado civil, idade, nível de formação, ano de conclusão dos estudos e atividade ocupacional.

A exploração do material, se as operações da pré-análise forem convenientemente concluídas, a fase de análise propriamente dita não é mais do que a aplicação sistemática das decisões tomadas, esta fase longa e fastiosa, consiste essencialmente em operações de codificação ou enumeração, em função de regras previamente formuladas. (BARDIN, 2011, p. 131)

Quadro 01: Características dos sujeitos da pesquisa quanto aos dados pessoais e profissionais

ENTREVISTADO/A	SEXO	IDADE	ESTADO CIVIL	NÍVEL DE FORMAÇÃO	ANO DE CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO	ATIVIDADE OCUPACIONAL
E1	M	22 ANOS	SOLTEIRO	ENSINO MÉDIO COMPLETO	2012	ESTUDANTE
E2	M	31 ANOS	CASADO	ENSINO MÉDIO COMPLETO	2002	AGRICULTOR
E3	F	27 ANOS	SOLTEIRO	ENSINO MÉDIO COMPLETO	2006	AGRICULTORA
E4	F	31 ANOS	SOLTEIRA	ENSINO MÉDIO COMPLETO	2008	EDUCADORA DE APOIO MAIS EDUCAÇÃO
E5	M	33 ANOS	CASADO	ENSINO MÉDIO COMPLETO	2000	OPERADOR DE EMPILHADEIRA
E6	F	29 ANOS	SOLTEIRA	ENSINO MÉDIO COMPLETO	2001	AGENTE DE TURISMO
E7	M	31 ANOS	CASADO	ENSINO MÉDIO COMPLETO	2012	AGRICULTOR
E8	M	19 ANOS	SOLTEIRO	ENSINO MÉDIO COMPLETO	2012	MUSÍCO

E9	F	27 ANOS	DIVORCIA-DA	ENSINO MÉDIO COMPLETO	2008	AGRICULTURA
E10	F	25 ANOS	SOLTEIRA	ENSINO MÉDIO COMPLETO	2002	AUXILIAR DE COZINHA

Obs: Afim de garantir o anonimato dos sujeitos da pesquisa foi feito a seguinte codificação: Cada um deles recebeu a letra E de Entrevistado, seguido de um número correspondente a ordem da entrevista, daí eles serem denominados aqui de E1 até E10.

De acordo com os depoimentos dos entrevistados, constatamos que 100% têm o ensino médio completo, observando que existe uma grande necessidade de um apoio para que eles possam ingressar no ensino superior como estamos tentando com a pesquisa-ação a partir do coletivo Aquatune Pre –Vest quilombola para suprir essa necessidade. Observamos, também, que 40% dos entrevistados, ou seja E2, E3, E7 e E9 estão ligados a atividade ocupacional da agricultura onde o território pesquisado se encontra no campo destacando a importância da agricultura como fonte de trabalho e renda do quilombo, destacando também que 30% dos entrevistados que são E5, E6 e E10 estão no mundo do trabalho da indústria, com uma jornada de trabalho exaustiva deixando fora das possibilidades de continuidade dos estudos para o nível superior de ensino, destacando que apenas E1 está se dedicando aos estudos para encarar o ENEM. E que apenas E8 está desenvolvendo uma atividade de músico com prazer e com vontade de dar continuidade a atividade no ensino superior, como também E4, que desenvolve sua atividade no mundo do trabalho no ambiente educacional como apoiadora no projeto mais educação. Chamou-nos atenção que 10% que corresponde só a E9, se declara divorciada, e 30% que são E2, E5 e E7 declararam-se casados, sendo que a maioria 60%, são E1, E3, E4, E6, E8 e E10 se declaram solteiros, destacando também que entre os 100% dos entrevistados 50% são mulheres e 50% são homem. E encontram-se entre 19 e 33 anos de idade, sendo que 60% entre 19 e 29 anos e 40% entre 31 e 33 anos, visto que os idosos não foram entrevistados formalmente, e sim com entrevistas informais a partir de anotações no diário de campo e registro fotográfico, como segue ao longo do texto.

É importante ressaltar que 100% dos entrevistados por conta de negligência do poder público com a educação do município e com o comprometimento da continuidade dos estudos estão em média a mais de 10 anos tentando de alguma forma conciliar o mundo do trabalho e a vontade de entrar em uma universidade deixando de lado seus sonhos e suas possibilidades de melhorias de vidas, se ocupando em grande parte de suas vidas com uma extensa jornada

de trabalho, tanto no trabalho pesado do cabo da enxada na agricultura como em jornadas desumanas nas fábricas do município de Conde-PB.

3.2 Aproximação da realidade cultural dos sujeitos da pesquisa-ação

Neste ponto do terceiro capítulo queremos iniciar destacando a importância de atuar como educador popular nesse território quilombola mesmo sabendo das dificuldades de um ensino quilombola com marcos legais e práticas pedagógicas distintas de espaço como esse que é o quilombo de Ipiranga, tentado com muito esforço trazer uma ressignificação da história e uma ressignificação do ser negro em um releitura da formação do território e de todas as emergências étnicas e desenvolvendo uma Educação Popular feita pelo povo, com o povo, e para o povo, pois é importante destacar o grande conhecimento adquirido pelo povo quilombola ao longo desse 500 anos de miscigenação, pois como afirma o entrevistado nº 01 mesmo que nem todos os quilombolas tenham tido a oportunidade sem frequentar a escola, a comunidade tem ensinado seu povo por meio de sua cultura popular.

Se for perguntar pra o meu pai, que assina no dedo, nunca foi numa escola, qual é o calendário cultural e de subsistência daqui da comunidade, ele diz tudinho... O mês de janeiro vai dar a andada de caranguejo; depois da andada de caranguejo goiamum, vem a andada do caranguejo sá; depois do caranguejo sá vai vir a pesca do camarão, que nessa época ele comemora que vai vir a plantação do milho, tal, tal, tal, porque o período de chuva disso, por causa da maré disso aquilo outro; porque a partir desse mês vai ter isso... ele sabe tudinho, o calendário, o ciclo todinho do ano, ele sabe... é cultural esse calendário; só tem na cabeça desses mais velhos. (Entrevistado nº 01)

E é sobre essa cultura adquirida ao longo do tempo que surge todas as multiplicidades de eixos de classificação social deste bravo povo quilombola nessa hierarquia de classes, onde o capital domina e explora uma multiplicidade de formas de trabalho. Mas apesar das adversidades sociais e econômicas, o Coco de Roda, enquanto expressão da cultura popular, também tem ensinado e unido esses sujeitos históricos conforme revela o depoimento a seguir:

Na nossa comunidade, o coco de roda é como uma raiz, uma característica nossa, do nosso povo, sabe? Porque se a gente puder falar das duas comunidades, Ipiranga e Gurugi, o coco de roda foi que conseguiu isso, unir as duas comunidades. (Entrevistado nº02)

E é ciente dessa união que temos que desenvolver uma visão macro das relações de divisão do trabalho entre centros, periferias e territórios rurais, indo contra a hierarquização étnico/racial global, que gera preconceitos a Cultura Popular, afirmando que só produz folclore, mitos, mas nunca teorias ou conhecimentos; uma hierarquia lingüística entre línguas européias e línguas não européias, onde na produção de conhecimentos e na comunicação se privilegia as primeiras e subalterniza as segundas como criadoras de culturas, mas nunca de teorias ou de conhecimentos.

Mas, de modo geral, a luta das comunidades quilombolas é pela propriedade em uma luta pela preservação de territórios, conceito que incorpora as relações sociais, culturas com a preservação de saberes relação com a natureza e com a “civilização”, reconhecendo a Cultura Popular do quilombo como um direito ancestral com objetivos atuais nas políticas públicas com foco na cidadania diferenciada das comunidades tradicionais, visando ações nas perspectivas de políticas públicas que supere o descaso dos governos e os preconceitos históricos da matriz negra do nosso povo, onde se desenvolveu ao longo da história do Brasil. Muitas comunidades não conseguem acessar políticas públicas, nem universais nem específicas, nos territórios, a exemplo do Programa Brasil Quilombola.

Segundo a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (2014), o Programa Brasil Quilombola (PBQ) foi lançado em 12 de março de 2004, com o objetivo de consolidar os marcos da política de Estado para as áreas quilombolas. Como seu desdobramento foi instituída a Agenda Social Quilombola (Decreto 6261/2007), que agrupa as ações voltadas às comunidades em várias áreas, divididas em quatro eixos:

Eixo 1: Acesso a Terra – execução e acompanhamento dos trâmites necessários para a regularização fundiária das áreas de quilombo, que constituem título coletivo de posse das terras tradicionalmente ocupadas. O processo se inicia com a certificação das comunidades e se encerra na titulação, que é a base para a implementação de alternativas de desenvolvimento para as comunidades, além de garantir a sua reprodução física, social e cultural;

Eixo 2: Infraestrutura e Qualidade de Vida – consolidação de mecanismos efetivos para destinação de obras de infraestrutura (habitação, saneamento, eletrificação, comunicação e vias de acesso) e construção de equipamentos sociais destinados a atender as demandas, notadamente as de saúde, educação e assistência social;

Eixo 3: Inclusão Produtiva e Desenvolvimento Local - apoio ao desenvolvimento produtivo local e autonomia econômica, baseado na identidade cultural e nos recursos naturais presentes no território, visando a sustentabilidade ambiental, social, cultural, econômica e política das comunidades;

Eixo 4: Direitos e Cidadania - fomento de iniciativas de garantia de direitos promovidas por diferentes órgãos públicos e organizações da sociedade civil, estimulando a participação ativa dos representantes quilombolas nos espaços coletivos de controle e participação social, como os conselhos e fóruns locais e nacionais de políticas públicas, de modo a promover o acesso das comunidades ao conjunto das ações definidas pelo governo e seu envolvimento no monitoramento daquelas que são implementadas em cada município onde houver comunidades remanescentes de quilombos. (SITE DA SECRETARIA DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL, 2014).

Ainda segundo a Secretaria, o Programa Brasil Quilombola (PBQ) reúne ações do Governo Federal para as comunidades remanescentes de quilombos. Para fins de aplicação do PBQ essa Secretaria considera o levantamento da Fundação Cultural Palmares, do Ministério da Cultura, que mapeou 3.524 dessas comunidades – dentre as quais 1.342 são certificadas pela Fundação. As metas e recursos do PBQ envolvem 23 ministérios e órgãos federais e têm como principais objetivos a garantia do acesso à terra; ações de saúde e educação; construção de moradias, eletrificação; recuperação ambiental; incentivo ao desenvolvimento local; pleno atendimento das famílias quilombolas pelos programas sociais, como o Bolsa Família; e medidas de preservação e promoção das manifestações culturais quilombolas. Entre as principais realizações do Programa estão: Regularização fundiária, Certificação, Luz para Todos, Bolsa Família, Desenvolvimento local e Desenvolvimento agrário.

Tendo como estratégia de ação o fim da pobreza afirmando as políticas públicas que estão dando certo para o povo quilombola, como por exemplo os programas do governo federal como o Bolsa Família. Os Quilombolas também tem que se apropriar desses programas e dos atos concretos contra a discriminação para os impactos sociais do racismo com compreensão e classificação para se pensar articulação entre políticas de valorização e

políticas de combate as desigualdades, de combate ao racismo Institucional e o fim de perseguição, acusação e prisão do povo negro no campo e na cidade com o fim da criminalização e das práticas de discriminação intencional e de criação de delegacias especializadas em crimes raciais como também os de serviços de denúncia contra o racismo, muitas vezes motivados pela resistência da polícia e do judiciário com o racismo institucional, supera tudo isso com políticas de valorização e ampliação do reconhecimento no reforço da identidade na construção de subjetividades que procurem equilibrar a representação da participação de cada grupo na construção nacional pela Educação e pelo Patrimônio Histórico e Cultural, conforme as falas a seguir.

O coco é que começa a conhecer a comunidade, conhecer a gente, começa a conhecer os nossos povos, nossa cultura. Através do coco, a gente conquistou reconhecimento. Compreendeu? Conseguimos mostrar que a gente não tem só o coco, mas que a gente tem cultura; a gente tem nossos rezadores, nossos rios, sabe? Não é só o coco; mas antes ele vinha através do coco; então, o coco é que traz o pessoal pra conhecer a gente. (Entrevista nº 06)

É a questão da cultura... Um ponto forte da educação popular da gente é o coco, é a capoeira, e com isso eles vão buscando o pessoal mais velho da comunidade pra conversar, e quando eles sentam com o pessoal mais velho pra conversar, aí vem trazendo um monte de curiosidade... (Entrevistado nº04)

Curiosidades essas que dão outros significados e novas perspectivas aos quilombos de nossa nação. Um exemplo disso é destacar o feriado no dia 20 de novembro como sendo um dia de glória do povo negro brasileiro, destacando esse dia como sendo o marco de vitória o Dia da Consciência Negra, e a partir daí seguir em frente pela regularização fundiária e Reconhecimento Territorial como também uma Política de Mídia nas campanhas pela presença negra nos meios de comunicação em vigor e com isso estimular o povo negro a obter outros resultados para um futuro breve, pois.

Por outro lado, os resultados obtidos, a confrontação sistemática com o material sistemática com o material e o tipo de inferências alcançadas pode servir de base a outras análises se disposta em torno de novas dimensões teóricas, ou práticas. (BARDIN, 2011, p. 132).

E que essas dimensões possam construir novos desafios da questão quilombola, da luta pelas políticas públicas, pois são desafios das lutas da Educação Popular também, pois nesse espaço território com toda certeza temos a Educação Popular como uma bandeira de apoio e de mobilização em prol dos Quilombolas como comunidades tradicionais, lutar também nas disputas internas desde dos movimento das associações aos de cooperativismo como na esfera do legislativo da prefeitura e do governo do estado com ações de protagonismo do povo negro sendo eles mesmo os mediadores de suas necessidade de representantes internos às comunidades com formação política para os moradores e membros das comunidades, com o objetivo de superar conflitos vividos contra os latifundiários e as grandes empresas e grandes empreendimentos no ramo imobiliário, como também o desemprego e a migração como desagregadores das comunidades unindo o povo quilombola e organizando suas disputas internas como formas de organização do todo, a exemplo das associações de Gurugi e de Ipiranga que tem um histórico de luta nas comunidades do Vale do Gramame. Desafios nas políticas públicas para criar novas necessidade de formação técnica no setor da agricultura e articulações de mudança em infra estrutura e melhoramento na moradia com reivindicação múltiplas nas esferas e instituições do setor público, federal, estadual, municipal, autarquias, e empresas públicas, pela organização e divisão de tarefas e circulação de informações nas bases da educação básica até as ensino superior com uma construção de uma educação anti-racista nas escolas do próprio território quilombola, com um currículo específico e diferenciado, superando o atual currículo defasado pelo tempo nas escolas do município de Conde-PB.

É com relação à juventude e a educação... Qual é o comportamento da juventude do Quilombo, hoje, perante a educação de hoje... qual é o valor que se tá dando hoje? Qual atrativo que a educação, o sistema de educação tá trazendo para a juventude. (Entrevistado nº 05)

E como implementação da Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), que deixa bem claro que esse territórios quilombolas tem a necessidade de um currículo diferenciado desde a produção de materiais de referência da escola até a articulação e capacitação da Secretaria de Educação para escolas e os professores que atuam na educação do quilombo visando desde as bases até o ensino superior um acesso justo e eficaz as Universidade como está sendo feito pelo Pré-vestibulares quilombola Aquatune, deixando bem claro a politica de cotas como ENEM, pois o povo de Ipiranga está muito envolvido com essas perspectivas.

Eu pensei totalmente em desistir do ENEM... eu vou desistir pra me deslocar daqui pro centro é um absurdo que eu gasto, então, eu digo, eu vou desistir... num tô conseguindo conciliar casa, filhos, gravidez, trabalho, e depois eu pensei assim: poxa, mainha não ia desistir. (Entrevistado nº02)

Como esses exemplos o povo quilombola de Ipiranga também está preocupada com a permanência dos estudantes na universidade pois não basta só entrar no ensino superior pois o importante é permanecer e atingir o objetivo da formação profissional para que se possa manter viva a produção e difusão de conhecimento e das lutas do movimento quilombola na Educação para assim podermos levanta novas hipóteses.

Levantar uma hipótese é interrogamo-nos: será verdade que tal como é sugerido pela análise *a priori* do problema e pelo conhecimento que dele possuo, ou como as minhas primeiras leituras me levam a pensar que? (BARDIN, 2011, p. 128).

A escola, enquanto ambiente de mudança própria nas relações tanto de saberes populares como de saberes acadêmicos deveria ter critérios de validação desses saberes para um currículo que desafie as crianças, os jovens e os adultos a permanecerem no ambiente escolar e comunitário como também supere as relações de poder pela multiplicação de homens e mulheres negras dentro das esferas e institucionais do setor público federal, estadual, municipal. Para que se possa ter um currículo culturalmente orientado com prescrições curriculares e livros didáticos apropriados, com professores preparados para ministrar disciplinas de forma que se respeite o território e com coordenações pedagógica extremamente preparadas para o mundo do trabalho docente em território quilombola, pois a fala do entrevistado que segue deixa bem claro essa necessidade.

Eu não vejo nenhuma escola trabalhar com a lei do ensino afro-brasileiro dentro desses quilombos. O próprio quilombo... cara, você não estudar o que você é... saber que é uma lei e o município não tá implantando. Já deveria começar com essa educação a partir do Fundamental I. (Entrevistado nº01)

Se não é a escola que está estimulando essa visão crítica, certamente suas reflexões advêm da Cultura Popular da comunidade Quilombola em que vive, mas, sobretudo de sua participação no Coco de Roda.

Mudança importante para assim se poder acreditar na escola e em todas as relação existente entre a comunidade a escola e na relação com outros atores como por exemplo os pais, movimentos sociais, igreja, associações, cooperativas e todos que acreditem na luta do povo quilombola.

3.3 Identificação do processo de conscientização no grupo de Coco de roda Novo Quilombo

O processo de conscientização é fundamental no campo da Educação Popular, o qual também pode ocorrer nos processos de construção dos saberes populares. O objetivo deste tópico é resgatar nas falas das entrevistas como o processo de conscientização ocorre no Coco de Roda ou a partir do Coco de Roda Novo Quilombo tanto nos mais antigos como nos mais jovens. Mas em primeiro lugar é preciso entender que a etnia representa a consciência de um grupo de pessoas que se diferencia dos outros. Esta diferenciação ocorre em função de aspectos culturais, históricos, linguísticos, artísticos, religiosos e raciais. A figura abaixo expõe um pouco da beleza e singularidade da raça negra.

Figura 8 – A beleza da pele negra



Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

A contribuição de vários povos na formação da identidade brasileira é evidente e nos remete à riqueza de uma sociedade plural na qual a originalidade de cada cultura deve ser valorizada.

É como se resgatasse os ensinamentos antigos... O coco tem uma tradição... a gente chama o povo pra dançar, mas se você observar, antes da primeira música: pessoal, o coco é uma roda, tem toda uma tradição: as mulheres chamam os homens pra dançar. Se você reparar, as meninas gostam de gritar: 'dai nele'. 'Dai nele' é como se a mulher puxasse o homem pra briga. E a dos xales é as mulheres com as próprias mulheres, pra ver quem roda mais a saia junto com o xale, entendeu? É muito lindo... (Entrevistado nº02)

A fala do entrevistado nº02 aponta que o Coco resgata os ensinamentos dos mais antigos o que expressa que há um processo de Educação Popular por meio dessa dança. É valorizando essa pluralidade étnica e cultural que cada um, como sujeito participante de um processo de afirmação de identidade, poderá contribuir com valores, ações e condutas que se tornem fundamentais no equilíbrio de uma sociedade mais humanizada a partir do respeito as gerações mais antigas como mostra a foto abaixo:

Figura 9- Geração mais antiga do coco de roda



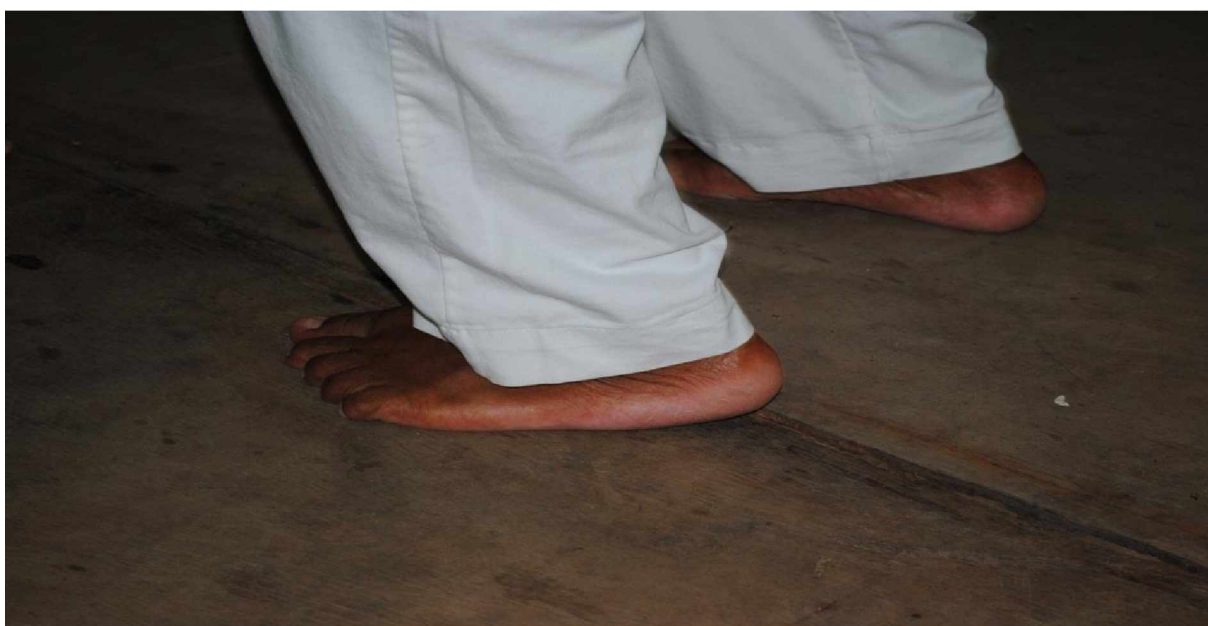
Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

Para tratar de uma temática cujo recorte se faz a partir da diversidade étnico-racial do Brasil, o primeiro passo necessário deve ser ressaltar o processo histórico que mostra, nessa discussão, as especificidades do que é ser negro nesse país e como ali se processaram as formas de racismo. Em seguida, é necessário realizar o resgate da história pessoal de cada um, buscando a construção, ressignificação e fortalecimento de sua identidade, pois a fala que segue deixa claro essa preocupação.

Tem essa preocupação, se preocupa com a educação para a juventude, né? E com relação à grade de ensino que tá vindo... A gente tem três quilombos dentro... é difícil no litoral três quilombos no mesmo município, né... e . nenhuma escola dessa dentro dos quilombos trabalha com a lei da cultura afro, (Entrevistado nº 04)

E isso deve ser desenvolvido o mais rápido possível como processo de conhecimento e vivência pessoal das questões aqui tratadas precisa ser um processo cotidiano nas salas de aula, mas, antes disso, deve ser algo vivido pelo professor/educador. No Brasil, a formação de educadores tem sido uma função das Faculdades de Educação e dos cursos de licenciaturas em instituições públicas ou privadas, no entanto, esse processo, se pensado na perspectiva continuada, pode e deve ser realizado em outras instituições e espaços que não o acadêmico para um aprendizado com significado como sugere a imagem que segue.

Figura 10– Coco no pé do grupo Novo Quilombo-PB.



Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

Observamos, no decorrer da nossa pesquisa-ação, que o grupo de cultura popular Coco de Roda Novo Quilombo, também é uma associação que desenvolve ações socioculturais centradas no processo de humanização da população do quilombo de Ipiranga no município de Conde-PB. Referência de multiculturalismo na Zona da Mata paraibana, o Coco de roda Novo Quilombo integra as mais diversas formas de expressões artísticas na música, nas artes cênicas, literatura, na dança na educação popular, com o objetivo de promover a diversidade cultural, garantindo a originalidade das expressões culturais locais com um grande potencial na cultura popular da Paraíba .

As vivências que são proporcionadas pelo grupo vêm se somando nas experiências de formação do povo do quilombo de Ipiranga, bem como tem se configurado em um espaço de cultura popular e de educação popular importante na visão dos sujeitos da pesquisa. Essas experiências, denominadas de acolhimentos afetivos, também trazem toda a subjetividade da temática da construção das representações afro-brasileira. Os acolhimentos afetivos consistem em vivências que despertam e corporificam emoções, sentidos e memórias individuais e coletivas sobre nossa ancestralidade. Essas vivências provocam um contato e um reconhecimento da história e, a partir disso, um novo olhar sobre o contexto histórico da sociedade brasileira com toda a sua forma multicolorida como segue na figura 11.

Figura 11- O multicolorido do Grupo Coco de Roda Novo Quilombo-PB.



Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

A partir dessa valorização do grupo de Coco de Roda os integrantes esperam que a comunidade fortaleça sua identidade e se perceba como um agente ativo e transformador da sociedade. Assim, pretendem que os participantes e moradores da comunidade de Ipiranga possam, a partir do que foi assimilado nos acolhimentos do Coco de Roda, ter mais subsídios para aproveitar as situações cotidianas para promover a interação cultural através da realidade vivenciada, a fim de promover o rompimento com o preconceito e discriminação. Dessa maneira, entendemos que o Coco de Roda tem contribuindo para uma sociedade mais justa e uma educação que valorize cada sujeito. Neste sentido, realizamos uma explanação sobre as variedades culturais, já as partilhando com a ideia de etnia, um conceito que nos faz pensar sobre um sujeito que constrói a sua identidade a partir do que ele vivencia.

O multiculturalismo é fruto do processo de escravização dos povos africanos que eram presos em suas terras nativas e conduzidos para o Brasil. Com a transferência dos povos africanos para o Brasil, os africanos encontraram uma forma de manter sua cultura viva por meio da música e da dança, pois se utilizaram de assimilação e integração ao local dominante, com a finalidade de manter suas tradições vivas embora que inicialmente (antes da Lei Áurea, 1988) em segredo.

Sob a ótica mais formal, destacamos a Lei nº. 10.639/2003 e a Lei nº. 11.645/2008, as quais alteram a Lei n.º 9.394/96 – LDB. Tais determinações legais incrementam e imperam sobre a legislação educacional, instituindo de forma mais concreto e real os estudos do negro e culturas afro-brasileira e africana nos estabelecimentos de ensino público e privado. Portanto, elas vieram legitimar a luta dos afrodescendentes pelo ensino da história e cultura africanas, cujo objetivo seria fazer compreender a pluralidade étnica na formação da sociedade brasileira, buscando a valorização da cultura e história de cada etnia, e o respeito às diferenças que fazem do Brasil o que ele é.

A gente poderia ter a nossa tradição, a nossa língua. Tem umas escolas que eu visitei em Rio Tinto que ensina o Tupi. Por que aqui a gente não pode ensinar também na nossa comunidade. Eles tão aprendendo outras línguas mas eles têm a cultura deles, da comunidade deles; então, eu creio que através do coco de roda a gente poderia conseguir muito isso, porque é a dança que tá unindo todos os povos, de mais novos a mais velhos, de comunidades a comunidades. (Entrevistado nº 02)

Mais uma vez o entrevistado nº 02 destaca a questão da união desses povos quilombolas a partir do coco na comunidade em que vive. Mas também percebemos que sua fala expressa respeito aos mais velhos e valorização das tradições, como a língua e a cultura própria. Em síntese, respeito aos saberes populares da Comunidade Quilombola.

Nossos argumentos sobressaem sobre como os modos, costumes ou comportamentos modificam, como nossos valores mudam, mas percebemos que, historicamente, isso modifica, não deliberadamente, mas, compulsoriamente. Assim, destacamos a Lei 10.639/2003 e a 11.645/2008 como instrumentos ou “armas” cujos intuitos são modificar “nossa cultura” diante de conceitos, problemas, fatos, histórias mal contadas e não contadas, e com isso imperar sobre valores, não verdades e mitos a fim de torná-los algo próprio, respeitando valores e verdades. Alguns, mas não os únicos, objetivos gerais dessa legislação são: Apresentar desafios para a educação e quebrar o silêncio quanto à diversidade étnica na construção da história como também legitimar a luta dos afrodescendentes pelo ensino da história e cultura africanas desconstruindo, ressignificando e reconstruindo, para construir uma concepção real do continente africano para desconstruir estereótipos para assim se poder refletir sobre a prática pedagógica, através da utilização de diferentes linguagens didáticas. Portanto, a lei está em vigor, logo, temos que ressignificar nossas teorias e por em prática esses novos sentidos.

O fato é que tais leis não surgem aleatoriamente, mas justamente a partir da luta de grupos e comunidades quilombolas com bases nas observações dos mais jovens como segue expressado na figura 12.

Figura 12– Novos sentidos aos mais jovens do grupo Novo Quilombo-P



Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

Desde as décadas de 1970 e 1980, os movimentos negros vêm em busca de projetos para a valorização da história e da cultura afro-brasileira, numa luta que parece ser eterna, principalmente dentro das escolas, no intuito não acabar, mas ao menos amenizar a cultura de desvalorização do negro diante de uma batalha intensa contra o racismo, que também é uma luta da Educação Popular.

Com certeza... Se a gente for parar pra pensar, é a melhor forma que a gente tem pra trazer a educação popular pra dentro das escolas; é através do coco na nossa comunidade. (Entrevista nº05)

Para valorizar uma Educação Popular para igualdade racial, respeitando as diferenças e não uma desigualdade e procurar inserir nos projetos políticos pedagógicos das escolas o respeito aos valores essenciais e existenciais dos descendentes africanos, temos que ter essa meta. Porém, sabemos que a escola por si só não seria a salvação, mas sim um veículo de políticas públicas voltadas para essa valorização, com apoio também das famílias e uma divulgação pública através da mídia.

Como a discussão se estende a diversas áreas ou ciências, esta dissertação tentou levantar uma discussão que pudesse quebrar um pouco essa ideia de que somos diferentes porque somos negros, brancos, índios, ou qualquer outra coisa senão seres humanos, mas o que nos diferencia destes são nossos costumes, nossa visão política, nossa cultura não como superior ou inferior. Mostrar que diversos elementos vão nos diferenciar e ao mesmo tempo nos identificar como pertencente da mesma sociedade, mas que, por hábitos ou comportamentos, nos diferencia, segue imagem dos tocadores do Coco de Roda pra melhor ilustrar nossa fala.

Figura 13 – Grupo musical do Coco de Roda Novo Quilombo, gravando seu cd no estúdio de Vital Farias.



Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

Em vista das considerações apresentadas, torna-se necessário observar com outro olhar as práticas discursivas e os eventos educacionais que fazem parte do cotidiano dos alunos, negros, ou de qualquer etnia. O sistema educacional brasileiro precisa modificar-se de tal forma que rompa com as barreiras ideológicas e muralhas socioeducacionais até hoje colocadas entre aquilo que o aluno vivencia e o que efetivamente é trabalhado no espaço

escolar, como também é preciso participação fora dos espaços escolares e assim entrar em contato com a realidade fora dos muros das escolas e vivenciar esses cotidianos como segue a imagem .

Figura 14 – Participação deste pesquisador com o grupo Coco de Roda Novo Quilombo-PB.



Fonte: Carlos Augusto da Silva, 2012.

É preciso compreender que os conteúdos não devem ser pautados exclusivamente em conhecimentos eurocêntricos que não levam em consideração a cultura e a origem dos alunos afrodescendentes. Ou seja, uma escola democrática não é aquela que apenas fornece acessibilidade às comunidades historicamente relegadas a segundo plano, mas sobretudo que busca compreender e visibilizar nos materiais didáticos, nos livros, nas atividades propostas em sala de aula e nos eventos sociais da escola o modo de vida daquele que por muito tempo ficou à margem da sociedade, escondido das abordagens e práticas realizadas em salas para que se possa também trazer a comunidade e suas lutas pelo reconhecimento e pelas terras nas quais seus antepassados viveram e morreram pois onde 58,5% dos paraibanos são negros, com uma cultura original, com instrumentos autênticos da cultura negra quilombola como segue a próxima imagem

Figura 15–Zabumba do Coco de Roda Novo Quilombo-PB.



Fonte: Arquivo pessoal, 2012.

Nossa observação participante e diálogos informais com todos os integrantes do coco de roda nos revela que as principais reivindicações da comunidade são construção de reservatórios para água do tipo cisternas, postos de saúde e atendimento médico que contemple a peculiaridade quilombola, como também um ensino de qualidade e adequação a realidade quilombola com uma formação dos professores à temática quilombola e uma segurança alimentar por parte dos governos. Programas de geração de emprego e renda de acordo com as especificidades da região e da comunidade também são apontadas.

Eles querem que o governo estadual em parceria com o governo federal e municipal assumam compromisso com o segmento quilombola para a construção em conjunto de um espaço e uma política governamental permanente para implementar políticas públicas para as comunidades quilombolas, tais como as política de habitação adequada à realidade quilombola e com melhoramento das estradas de acesso às comunidades.

Os problemas enfrentados pelas comunidades quilombolas em geral são reflexo do abandono por parte do poder público, inclusive porque os programas sociais do Estado voltados a esses povos não atendem a todos, gerando cada vez mais um cenário de discriminação, preconceito, empobrecimento e insegurança como também a saída dos jovens

para as cidades em busca de trabalho. Porém, segundo alguns dos entrevistados o Coco de Roda tem atraído olhares do poder público para a comunidade Quilombola de Ipiranga, por isso também há conquistas a comemorar como, principalmente, Auto-reconhecimento certificada pela Fundação Cultural Palmares - FCP e pelo fortalecimento das associações e a maior participação da comunidade com criação de projetos nas comunidades Quilombolas, como também a energia elétrica e os Programa do governo federal para uma melhoria na alimentação e equipamentos do povo quilombola.

Assim como também a identificação e reconhecimento da terra para os remanescentes das comunidades dos quilombos, faltando ainda escolas adequadas para todas as comunidades, um atendimento médico e programas de saúde específicos, como também acesso ao crédito para melhoramento das estradas e construção de moradias a todos da comunidade quilombola e o Programa Bolsa Família para todas as famílias, visto que necessitam.

Enfim, todos esses questionamentos e reflexões revelam que de fato vem ocorrendo um processo de conscientização histórica entre os integrantes do Coco de Roda, pois eles não só estão cientes dos seus problemas, como lutam para superá-los através de expressões culturais como o Coco de Roda Novo Quilombo, o qual vem resgatando tradições, valorizando a identidade afro, respeitando os saberes populares e respeitando valores e princípios como justiça e igualdade social.

3.4 A contribuição do Coco de Roda na Cultura Popular e na Educação Popular

Como educador popular e como militante social cabe destacar a reflexão feita por Brandão (2013), quando afirma que no Brasil e no mundo aos que querem compreender a Educação Popular tem que, “reler com cuidado as notas de roda pé de Pedagogia do Oprimido haverá de reconhecer, na pluralidade abertas das leituras práticas por Paulo Freire” (BRANDÃO, 2013 p. 12).

Ao questionarmos os entrevistados acerca do significado do Coco de Roda percebemos que os depoimentos relacionaram o Coco a questões históricas e culturais dentro e fora da comunidade quilombola, além de também relacionarem as questões subjetivas. Enfim, notamos a pluralidade e relevância dessa expressão cultural popular. Vejamos alguns relatos:

Rapaz, atrai principalmente os joven... o ensina... tem também a união. E falando também da história da comunidade... (Entrevistado nº 03)

Com certeza aquelas pessoas mais de idade tá passando um pouco da tradição. (Entrevistado nº04)

e assim, eu molequezinho ele já tocava num balde velho, e ele cantava a tarde todinha... e aí já mostra o que é o coco pra mim. (Entrevistado nº01)

Ele contava histórias pra mim do coco que frequentava e que nas comunidade de fora, e pra mim já era assim, uma coisa enorme, só pelo contexto histórico do que ele contou pra mim. (Entrevistado nº 01)

Como ele disse que teve a influência do avô dele, teve também a influência da minha avó, que também era das antiga daqui do coco... ela dançava... daqui da comunidade... dona Noêmia. Ela dançava coco há muito tempo. (Entrevistado nº 06)

Nessa época tá dando caranguejo, nessa época tá dando camarão... Essa é época de plantar, essa é época de criar galinha... Tudo tem uma questão cultural. E com Coco de roda, vamos comemorar a safra . (Entrevistado nº01)

Observamos que antes do Coco de Roda Novo Quilombo ser reconhecido como patrimônio histórico era pouco valorizado pela comunidade, mas, depois disso houve uma maior valorização da própria comunidade, pois antes alguns jovens não assumiam sua identidade quilombola. Conforme os relatos dos entrevistados nº 04 e nº05:

Então, pra mim, depois que passou daí, passou a se dedicar mais, a ver mais o coco... dessa forma, um patrimônio da comunidade, antes de patrimônio histórico do paraibano, e... passou... a gente passou a valorizar mais. (Entrevistado nº 04)

Há mais de duzentos anos; eu creio que o coco de roda tá dentro da comunidade... e... assim... tem um potencial fortíssimo, até porque hoje, jôvis, muitos desses jôvis que antes tentava esconder, né... hoje pela questão dos quilombolas não esconde mais. (Entrevistado nº05)

Assim como a fala do entrevistado nº 05 aponta que os jovens hoje não escondem mais de onde vem, revelando, não terem mais vergonha de suas origens por serem de uma

comunidade que se expressa por meio da Cultura Popular. A fala do entrevistado nº 01 já expressa o conhecimento de um dos principais autores da Educação Popular, Paulo Freire, vejamos:

Porque já dizia Paulo Freire: a educação popular tá em todo canto. Se a gente tem a construção de um prédio lá dentro da cidade, lá em toda a floresta de aço e de concreto... se tem um público trabalhando ali dentro, tem um senhor que não é formado, que não é engenheiro, que não é, mas ele é um pedreiro, um simples pedreiro, mas que tem conhecimento a mais do que aquele que fez a faculdade Então, de uma forma ou de outra, a gente tava tendo educação, tava tendo ensinamento, não ensinamento acadêmico, mas um ensinamento. (Entrevistado nº 01)

Sabemos que a Educação Popular não permanece apenas como educação de jovens e adultos, pois vai mais além. Ademais, é um tipo de educação que estimula a mobilização e luta por direitos sociais. Diante disso, questionamos o papel do Coco na luta da comunidade. Vamos as falas:

Hoje, o coco tá um pouco mudado. Por quê? Porque foi necessário que mudasse pra que mantesse. (Entrevistado nº04)

Vamos mudar o coco, pra manter ele vivo. Então, ele tando vivo, ele tem possibilidades de voltar ao que ele era antes. (Entrevistado nº06)

Hoje o coco de umbigada, que era o único regional daqui tá se misturando com o coco de embolada, misturando muito com outros cocos. Mas aí é bom também porque tá se mantendo vivo. (Entrevistado nº 01)

O grande desafio é fazer com que esses antigos mestres que tem em Guruji e Ipiranga participem desse coco. (Entrevistado nº04)

As falas revelam que uma das lutas deles é justamente manter o Coco vivo, visto que este tem contribuído muito com as lutas na própria comunidade.

O caminho da Educação Popular foi em um certo momento de se dividir em blocos e que isso trouxe um grande problema para Educação Popular com a fragmentação e então se abriu conexões com outras frentes de luta do povo brasileiro, o que não enfraqueceu o povo quilombola, que permaneceu em seus territórios continuando a luta comunitária e com isso

colocou o povo quilombola em bases mais fortes com estruturas próprias e com grandes engajamento, porém com diferenças e problemas, mas com a certeza da união como base vital da luta do povo quilombola do Ipiranga unindo dos mais jovens ao mais velhos como segue na fala do entrevistado.

Hoje divulga; diz que o coco é do Ipiranga. Diz que o pai dança o coco, diz que a mãe dança o coco, que os avós dançaram o coco. Ele já fala, já valoriza, né? Já num critica mais como algum tempo atrás criticava... que antes diziam que era coisa de velho, mas... hoje, num é só de velho, né? (Entrevistado nº 05)

Podemos notar que essa fala também revela a valorização da identidade do Coco de Roda, além do registro aos mais velhos e suas tradições. Educação popular como está hoje no quilombo de Ipiranga também é um aspecto filosófico, pois também está superando junto com cultura e com a Educação em prol de um fenômeno humano na perspectiva freireana o saber é o ponto de partida como processo de ensino e aprendizagem pois ao ensinar todos aprendem com a percepção de diferenciação pois esse processo se faz por meio da nossa relação com o mundo e com a natureza, com uma visão filosófica que acontece pelo trabalho com as relações do povo com o mundo.

Então, dando sequencia a nossa pesquisa, perguntamos aos entrevistados se acreditam que o Coco de Roda tem uma relação com a educação popular. As respostas destacam o círculo de cultura feito pelo Coco de Roda, onde as pessoas se vêem nos ângulos, e trazendo também na fala o próprio conceito de Educação Popular pelo significado do corpo, do contexto histórico e pela questão musical. Vejamos as falas de alguns entrevistados.

Pra comunidade educação, sim, né? Aqueles que têm, tiveram um avô na família, um pai que dançou coco, ele tem uma mentalidade cultural diferenciada daqueles que não tiveram. (...) Assim nos ângulos, um vê o outro. Mesmo quem não sabe dançar quando passa pra dentro da roda, ele se deixa levar e aprende... a educação popular... você se deixa levar e você vai e aprender aquilo ali. Então, você tá aprendendo, tá estudando, tá de acordo com aquilo está passando pelo corpo... O contexto histórico, e na questão musical... (Entrevistado nº01)

Rapai, eu vejo... eu vejo mais relacionado no termo de cultura. No meu ponto de vista... é mais relacionado sobre cultura (Entrevistado nº 03)

Traz ensinamentos pra ela, sim. E eu sempre incentivo a minha filha a participar (Entrevistado nº06)

O que pressupõem contradições e movimentos da Educação Popular, então temos uma filosofia e uma teoria do conhecimento que vai nos responder as relações com a natureza e com o humano, que se desenvolve na antropologia um movimento em que o pesquisado está nas bases, ou seja, dentro do espaço pesquisado e que o ponto de partida é o mundo, é a realidade, e que a origem do conhecimento está no mundo e nas vivências dos sujeito, que nos jogam na produção de conhecimento e que isso se dá na realidade como por exemplo na entrevista que segue.

É um calendário cultural e de subexistência, por quê? Porque eles trabalham a cultura de se alimentar... o quilombola é quase parecido com o indígena... se preocupa com a alimentação de hoje... não é de armazenar, mas, sim, de se ter pra comer o de hoje. Então eles sabem esses círculos todinho. (Entrevistado nº01)

Ou seja, eles tem pedagogias próprias, uma forma que potencializa melhor as condições e as situações e que também é na forma de política com uma opção de povo pois, ao buscarmos compreender se o Coco de Roda desenvolve um processo de conscientização percebemos que eles construíram sim a valorização de bases culturais afro e consciência críticas do que seja a influência da mídia e da cultura de massa, além de valorizarem a realidade local para o processo de ensino e aprendizagem na escola. Vejamos alguns relatos:

Uma história passada através da música na comunidade, isso traz ensinamento por quê? Porque toda história que é passada de geração pra geração passa ser educação. (Entrevistado nº04)

È uma questão de uma dança cultural... e temos lixos culturais que tão aí na mídia, não é (Entrevistado nº05)

A juventude, na época, como eu falei... a juventude não valorizava o coco, pela influência da cultura destrutiva imposta pela mídia, né?... Eu vejo muito que na escola os professores que são da localidade, eles têm uma facilidade maior de trabalhar com os alunos, enquanto que os que são de fora têm uma dificuldade maior, porque eles não conhecem a realidade local. (Entrevistado nº 06)

Primeiro, que por ser uma comunidade quilombola, né? Já traz consigo os costumes afros... (Entrevistado nº07)

É muito importante pra a comunidade, porque é uma maneira também de fortalecer a cultura negra na comunidade... Nesses dias atuais o que mais se vê é a mídia querer desconstruir essa ideia da cultura negra (Entrevistado nº09)

E que certamente é o resgate das histórias dessas classes trabalhadoras que irão superar a relação entre os oprimidos e seus opressores, destacando os agrupamentos humanos como forma de combate da opressão com os princípios éticos e morais que remetem valores e categorias como os da solidariedade, respeito, tolerância e a liberdade como esta destacado no relato de como o Coco de roda Novo Quilombo tem contribuído com a cultura Popular e com a Educação Popular com os membros da comunidade.

Dando mais uma responsabilidade a Educação Popular que é a de desconstruir a ditadura da mídia com o povo negro. Como também em um momento de se conectar com a preservação meio ambiente ou seja uma Educação Popular para a transformação e a preservação do meio ambiente tanto no micro como no macro em uma perspectiva naturalista e em uma perspectiva sócio instrumental com um modo de apreender nos níveis e em cada fase das vidas a as compreensão em processos pedagógicos na formação e nos estágios cognitivos no ser humano no local e no global em uma andragogia (pedagogia do adulto) no papel político pedagógico atual como relata as falas dos entrevistados sobre a existência de alguma relação entre o Coco de Roda e os movimentos sociais.

Usava-se do coco, digamos: uma manifestação no Palácio do Governo lá em João Pessoa. Então o povo ia e dançava coco a noite toda, né? Então, se tinha uma acampamento, pra ficar a noite lá naquele acampamento, tem que ter coco. Vai ter uma ocupação no Palácio do Governo. Então todo acontecimento, que acontecia, quando voltava pra comunidade, isso virava música, entendeu? (Entrevistado nº 01)

Por isso que o coco antigamente ia até amanhecer o dia, porque quando o primeiro toque do bombo saía, a gente sabia que Mituaçu ia ouvir, que Ouro Verde ia ouvir... então como são comunidades distantes, eles iam demorar um pouco a chegar aqui, mas vinham. O coco vinha como uma forma de mostrar que o povo tá unido, que o povo conseguiu mais uma vez, mais uma coisa, mais uma luta, uma conquista. O coco tinha, mas era nas vitórias... nas conquistas... aí faziam aquela roda no terreiro, e saía coco, ciranda, capoeira... mas era nas vitórias, entendeu? Juntava todo mundo pra se sentir bem nas vitórias (Entrevistado nº 02)

E pelo resgate da cultura de insistir nas crianças, ali, no Ipiranga, foi importante porque manteve ali, né? Porque já tava quase minguando, vamos começar pelas criança, que pelas criança vai até os adultos também (Entrevistado nº08)

Um dos objetivos da música afro é de contar a história através da música, reprisando várias vezes a história na música... Então, coco de roda faz isso. (Entrevistado nº09)

Os destaques nas falas dos entrevistados nº 01, nº02, nº 08 e nº09 foram a relação do Coco de Roda nas ocupações no Palácio do Governo, como em acampamentos de resistência na luta da reforma agrária, assim como em uma forma de comunicação com outros quilombos da região para se comunicar sobre as lutas e as conquistas desse povo.

Prosseguindo nossa análise destacamos a dimensão ontológica do ser social que existe na história da Cultura Popular e da Educação Popular como movimento da própria educação nos diversos tipos, como na formal do ambiente escolar como na informal do ambiente comunitário como também na não formal com a perspectiva dos movimentos sociais na educação, tendo como fio condutor uma pedagogia em Educação Popular partindo das coisas do mundo mesmo. Pois o relato de como o Coco de Roda Novo Quilombo tem contribuído com a cultura Popular e com a Educação Popular com os membros da comunidade estão nessas bases de reconhecimento. Então perguntamos se o Coco de Roda obteve conquistas na comunidade e em caso positivo quais seriam essas conquistas. Observemos os relatos a seguir:

Vai ter um mutirão no roçado de Fulano, pra ajudar a ele... Pra ajudar a família de sicrano que ele tá na luta, então vamos fazer um coco, para fazer um mutirão. (Entrevistado nº01)

Em Ipiranga, a gente já conquistou muita coisa através do coco. Muita coisa... a gente conquistou espaço... a gente conquistou identidade... Hoje em dia, o pessoal conhece a nossa comunidade. (Entrevistado nº 02)

O coco hoje ressurgiu e revitalizou nossa cultura... foi o maior ganho pra comunidade, e trazer as crianças para o coco. (Entrevistado nº07)

E pelo resgate da cultura de insistir nas crianças, ali, no Ipiranga, foi importante porque manteve ali, né? Porque já tava quase minguando, vamos começar pelas criança, que pelas criança vai até os adultos também (Entrevistado nº08)

Primeiramente, uma das maiores conquistas é ter ainda o coco preservado realmente. A questão de trazer as crianças para o

coco foi uma estratégia muito boa que utilizaram. E também um dos ganhos maior foi o reconhecimento como patrimônio histórico, né? Dentro do território, que ninguém mais pode acabar. (Entrevistado nº10)

Nas falas dos entrevistados nº 01, nº02, nº 07, nº08 e nº10 destaca-se que o Coco de Roda é um patrimônio histórico da comunidade e que o Coco de Roda já foi responsável por unir as pessoas pela coletividade em mutirões e na ajuda comunitária desenvolvendo na comunidade uma identidade no sujeito pela cultura popular com a conexão de saberes com a Educação popular resgatando sempre suas origens a partir das crianças aos mais idosos em um movimento típico da Educação Popular.

Mapeado as categorias de Paulo Freire como condição histórica de movimento assumindo então a Educação Popular como movimento social que sempre esteve agregado aos processos de combate as desigualdades e opressão com uma forma de educar para tomada de decisões contra a proposta clara e distinta para uma alienação das classes populares com um populismo arriscado tendo como base contra isso, a Educação Popular como práxis pedagógica a partir de categorias básicas para nossa análise partindo da história pela dialética ao movimento com base no Real para uma análise e seguindo para um concreto pensado sempre respeitando os percurso e caminhos para o desejo da compreensão da Cultura Popular com relação na Educação Popular em seus múltiplos aspectos relatados de como o Coco de roda Novo Quilombo tem contribuído com a cultura Popular e com a Educação Popular em uma metodologia própria .

No coco, praticamente, por motivo de que se trabalha em roda, A metodologia é circular... metodologia de que um vê o outro, de todos os ângulos em uma roda, isso sim é o coco de roda. (Entrevistado nº 01)

Seguindo a linha do tempo em Freire tendo como base a um Educação como prática para a Liberdade seguindo a uma pedagogias do oprimido para uma análise das contradições entre opressores e oprimidos destacando as relações concretas entre os oprimidos e os opressores, tendo como fonte de inspiração a expressão de que ninguém liberta ninguém, que ninguém se liberta sozinho, e que os homens e mulheres se libertam em comunhão. Destaco o relato de como o Coco de roda Novo Quilombo tem contribuído com a cultura Popular e com a Educação Popular com a seguinte fala.

Mas o coco significa tanto pra mim, quanto como os jovens, quanto pra as pessoas mais velhas, o coco é nossa raiz, um ponto muito forte do povo, já... Uma identidade nossa... se a gente tivesse como pontear a comunidade de Gurupi e a do Ipiranga, o coco seria, acho, como ponto das duas comunidades, como identidade das duas, entendeu? (Entrevistado nº 02)

Tendo total compressão crítica de que é necessário superar a forma forjada de igualdade pela inquietação do pensar para uma liberdade individual não como a forma de uma separação de algo que é produzido socialmente pela elite dominante, mas o de que o homem é um ser inconcluso e consciente disso. Mas quem são esses sujeitos que são oprimidos e quem são seus opressores? Oprimidos são os que se sentem menos, são os que agem como oprimidos, opressores são os que roubam a humanização do sujeito e o privam da liberdade, e como agir diante desse cenário? Fazendo uso da Educação Popular para uma autonomia livre de violência e de relações de opressão e exploração social estrutural para uma práxis transformadora de consciência crítica da realidade e de todos esses aspectos sociais no tempo.

Se você prestar atenção à letra da música você vai aprender bastante sobre história, fala da história, fala dos acontecimentos que aconteceram, que estão acontecendo. (Entrevistado nº04)

E com todo esse debate em torno dessas relações faz-se necessário destacar nas falas dos entrevistados categorias que dialoguem nas perspectivas da Educação Popular para descobertas de realidade postas para uma práxis consciente de suas lutas e conquistas para ações libertadoras que supere as contradições para uma reconstrução do ser histórico através do diálogo, da palavra com a intuição e a intencionalidade de mudança, sem perder a generosidade. Pois nossa utopia é uma sociedade sem opressão e que esses aspectos da relação opressor oprimido possa ser superada por uma ligação entre a teoria e a prática objetivando uma nova síntese e que esse movimento possa trazer uma dialética a ser desenvolvida para uma Educação Popular que mesmo consciente do que seja as utopias continuam com elas, pois acreditam que o importante é caminhar e tornar constante nossas lutas e batalhas sociais. Isso se dá pela concepção de uma educação como um dos instrumentos contra a opressão e contra preconceitos de cor, etnia, autoritarismos desenvolvidos pelos poderes, pela ignorância, pela domesticação, pela alienação, pela

marginalização, com uma proposta pedagógica de memorização, privando os sujeitos sociais de pensar criticamente a sociedade classes.

Observando que o relato de como o Coco de Roda Novo Quilombo tem contribuído com a cultura Popular e com a Educação Popular notamos como está intimamente ligado a uma questão de luta pela reforma agrária.

Sim. Até antes dos movimentos, pela luta... é... pela questão da reforma agrária da comunidade. quando se passou a ter as reuniões para reivindicar o território usava-se o instrumento do coco de roda para informação dessas reuniões. (Entrevistado nº04)

E essa sociedade em definição é um conjunto de pessoas que vivem em um determinado território, regido por normas e leis em comum, sendo ela considerada tanto como um todo ou por partes, em que estão pessoas incluídas e excluídas em direitos e deveres e que ambos estão socialmente envolvidos em interesses conflitantes nos grupos hegemônicos sociais, tendo como bases de mudanças por parte da Educação Popular o senso crítico para uma construção da alteridade como forma de reconhecimento do outro por suas diferenças e por suas semelhanças nessa estrutura social vigente. Pois o relato de como o Coco de Roda Novo Quilombo tem contribuído com a cultura Popular e com a Educação Popular com os membros da comunidade estão para em forma de união pelas reuniões de um movimento organizado como segue a fala .

Então, a partir daí já se começou a utilizar do coco pra essas reuniões... E essas reuniões sempre davam em coco, por quê? Por que se o fazendeiro chegasse “o que é?”... é o coco que tá tendo, né? Aí quando a luta passou a ter a luta da reforma agrária aqui dentro do Gurugi mesmo... quando eu digo Gurugi, digo Gurugi 1, Gurugi 2, Ipiranga. Quando se passou a luta mesmo, então se usava do coco. (Entrevistado nº 01)

Aqui percebemos que o Coco de Roda se assemelha a capoeira não apenas como expressão cultural de danças populares, mas, mais do que isso, como estratégia histórica de luta, pois, se no passado eram usadas para camuflar as reuniões e articulações políticas que davam início aos planos de lutas e fugas para os quilombos, hoje em dia são usadas com estratégias de lutas e mobilizações pela reforma agrária, pela identidade do povo quilombola,

enfim, pela valorização da cultura popular. Além de valores como respeito aos mais velhos e aos mais jovens.

E nesse contexto micro e local os relatos das seguintes entrevistas destacando o debate em uma abertura respeitando a individualidade e a criticidade do sujeito e foi perguntado o seguinte. Existe alguma coisa que não foi perguntado e que você que falar? Então se desenvolveu as seguinte falas dos entrevistados nº 01, nº 02, nº03, nº04 nº 05:

Tem o desafio também que é a gente tem que ter cuidado pra não cair no mercado “Mercadorizar” o coco de roda. (Entrevistado nº01)

Mostrar que a gente é um pessoal que sobrevive sobreviver da nossa terra... consegue tirar alimento da nossa terra. (...) Minha mãe dança, minha filha dança, minha irmã dança, eu sou puxada, sou chamada pelo bombo, eu sou chamada pelo bombo... E eu admiro muito, muito, minha mãe e minha avó, por ter conseguido por todos esses anos. (Entrevistado nº 02)

Rapaz, eu acho que verba, né? Verba pra conseguir se manter. (...) Eu acho que aqui falta mais trazer projetos, entendeu? Trazer projeto... a saúde precisa de, de melhorar... os posto de saúde não são adequado, entendeu? E principalmente essas coisas na, na área de educação... educação aqui é precária... eu digo que é precária porque é... porque uma pessoa ela sem estudo, ela num tem condição de entrar numa faculdade... falta preparo... Num só aqui dentro, mas em si, o território daqui do Conde em si, entendeu? Eu digo porque já estudei e sei, entendeu? Eu acho... no meu ponto de vista, eu acho que precisava de gente, mais qualificada, entendeu? Pra a comunidade ter um ensino mais, mais ‘rochedo’ (...) Só tem uma coisa aqui que num precisa rezar pra outro lugar, e em termo de alimentação a agricultura aqui é uma coisa muito positiva. (Entrevistado nº03)

É tanto que não há espaço aberto nos jornais pra você mostrar as suas atividades culturais. Então, só a cultura de massa é que é importante... Acaba desconstruindo. Isso aí é também um grande desafio para o futuro, não só do coco, mas também de outras atividades tradicionais do povo negro. (Entrevistado nº 04)

Aqui tem dificuldade também em termo de água... era precária... melhorou mais um pouco agora, chega água três vez ao dia... É poço. Por certo era pra ter água o dia todo. (Entrevistado nº05)

Levantado em consideração o seu pensar sobre o mundo e sobre suas inquietações para uma possibilidade de mudança, se destacou a necessidade de projetos na área da saúde e

educação para uma melhoria nos índices do quilombo (município do Conde) pra um futuro de possibilidades como por exemplo o ensino superior aos estudantes da comunidade quilombola e que se supere também problemas estruturais como no abastecimento de água por exemplo. Pois também se observa nas falas são as boas condições de alimentação, agricultura, e de boas relações familiares no território.

Outro importante aspecto a se discutir é a categoria de território e a de territorialidade nos seus aspectos tanto no macro com no global como por exemplo o território quilombola e os território das favelas e as diversas comunidades com suas formas de existência e com suas preservações de identidades, questões de antes e de agora da Educação Popular como também a conexão entre a Cultura popular com a Educação Popular e o meio ambiente em um movimento de avanço, com soluções tanto no pensar global para um agir local, pois é o que se espera de como o Coco de roda Novo Quilombo na contribuição com a cultura Popular e com a Educação Popular em forma de desafio como diz a fala seguinte,

Já é preocupação de manter o coco de roda. O incentivo que o grupo tem hoje é justamente isso: o incentivo que tem hoje é justamente porque é patrimônio... num se deve deixar acabar O desafio, eu acho que é manter aquela estrutura... estrutura, não... é manter aqueles tocador que já tão idosos... se não tiver novos tocadores... pois a maioria só dança... poucas crianças ali aprende a tocar... e se aprender a tocar como é que vão manter o grupo? E a cantar também... (Entrevistado nº06)

Então outro ponto de extrema importância em nossa análise é a parti do cotidiano escolar e das relações de cotidianidade entre o território e a escola com a presença de uma Educação Popular, destacando a escola como um aparelho ideológico do estado seja ela com sua institucionalizada seja nos estados, nas prefeituras e no governo federal assim também nos becos, guetos e vielas de nossa sociedade com a esperança de que a Educação seja um sonho nosso e que resolva os problemas tanto no mundo do trabalho como na negação das possibilidades de direitos, e que essa reflexão possa desenvolver ações socioeducativas no movimento da Educação Popular com as relações do mundo do trabalho a partir dos sistemas de cooperativismo do associativismo e das novas formas de trabalho como por exemplo o universo da Economia Solidária que visa um novo modo de estabelecer relações econômicas que busca o desenvolvimento territorial com ações articuladas em redes para desenvolver o trabalho e a renda e o bem estar do povo do campo, visando um outro mundo possível, quebrando com a hegemonia do capitalismo e enfrentando de frente as dificuldades que existe

em relação a divisão de classes e a opressão histórica desenvolvida pelo agronegócio e pelos grandes latifundiários que historicamente dividiram o povo brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese queremos concluir este trabalho destacando o prazer que foi desenvolver essa pesquisa Coco de Roda Novo Quilombo: saberes da Cultura Popular e Práticas de Educação popular na comunidade quilombola de Ipiranga no Conde-PB, trazendo para essas considerações finais o percurso histórico e metodológico do estudo, tendo com ponto de partida pesquisa-ação como caminho, e acreditando que a para Educação Popular essa forma de pesquisa que também traz uma ação é um compromisso possível a ser desenvolvido por todos os que de alguma forma querem trazer a mudança como perspectivas na pesquisa.

Destacando também os aspectos maravilhosos do mundo da Cultura Popular e do Coco de Roda no Brasil e na Paraíba trazendo a tona um Cultura quilombola original com alguns dos princípios da Educação Popular na comunidade quilombola de Ipiranga no Conde-PB, destacando a Educação Popular como forma de luta da comunidade em toda a história do povo negro do litoral sul paraibano em seus aspectos históricos, políticos e culturais.

Outros pontos de destaque levantados nesta pesquisa foram os elementos constituintes da Educação Popular como forma de articulação entre a Cultura Popular e a Educação Popular do povo quilombola de Ipiranga com destaque nas categorias: diálogo, conscientização, conhecimento popular, *práxis*, participação.

Levando também em consideração sobre os aspectos da Educação Popular hoje, com seus desafios e suas perspectivas na contemporaneidade, acreditando que a luta da Educação Popular no momento é na sua inserção como política pública nas esferas governamentais e que se desenvolva uma perspectiva de mudança dentro dos sistemas de governo, para assim se efetivar uma política pública que respeite o povo quilombola e todas as suas particularidades.

Por último destacamos que, para a realização da investigação foi muito importante nos engajarmos como participante na ação educativa com o Coletivo Aquatune e com a Associação de Moradores de Ipiranga, tendo em vista que os sujeitos da nossa pesquisa foram os integrantes Coco de Roda Novo Quilombo.

Outro aspecto de extrema importância foi a observação participante e o uso da fotografia na pesquisa-ação como ferramenta para ilustrar nossas análises e reflexões acerca do perfil sócio-econômico dos sujeitos entrevistados do grupo Coco de Roda Novo Quilombo, bem como do lócus da investigação, o Quilombo de Ipiranga.

A nosso ver, demos conta do objetivo proposto, analisar a contribuição histórica, cultural social e política da comunidade quilombola de Ipiranga no Conde-PB para a construção de práticas educativas na perspectiva freireana de Educação.

Como também foi desenvolvida uma reflexão crítica com aproximação da realidade cultural dos sujeitos desta pesquisa-ação, tentando trazer uma ressignificação da história e uma

ressignificação do ser negro em um releitura da formação do território e de todas as emergências étnicas e desenvolvendo uma Educação Popular feita pelo povo, com o povo, e para o povo, pois é importante destacar o grande conhecimento adquirido pelo povo quilombola ao longo desse 500 anos de miscigenação de se relacionar dos sujeitos desta proposta de pesquisa-ação, pra assim desenvolver uma identificação do processo de conscientização dentro do grupo de Coco de roda Novo Quilombo, para assim relatar como o Coco de roda Novo Quilombo tem contribuído com a cultura Popular e com a Educação Popular com os membros da comunidade.

Para uma formação de princípios contendo as bases educacionais em Educação Popular nas perspectivas políticas como instrumentos de avanços que estão nos princípios e nas experimentações fragmentadas ou não mais conjuntas precisando das atividades próprias com quilombolas e nesses vastos aspectos do mundo globalizado em cima de todas essas dificuldades como, por exemplo, nas alianças políticas feitas por nossos representantes, que muitas vezes só nos trazem problemas estruturais nas esferas governamentais deixando de lado um posição crítica para o crescimento de todos com articulações que não beneficiam o povo quilombola, pois é preciso estruturas sociais para um Brasil de fato sem miséria e um movimento social onde a Educação Popular seja fundamental para se pensar nessa conjuntura atual com concepções freireanas de Educação Popular. Com intenção de educar e nessa caminha com a relação com a natureza é a de melhorar ou transformar o real.

Por fim destacamos que a hipótese levantada por nós a respeito da conexão de saberes existentes entre a Cultura Popular e as práticas de Educação Popular do quilombo de Ipiranga no Conde-PB. Pois segundo Bardin (2011, p.128),

A formulação das hipóteses – Uma hipótese é uma afirmação provisória que nos propomos a confirmar ou informar, recorrendo aos procedimentos de análises. Trata-se de uma suposição cuja origem é a intuição e que permanece em suspenso enquanto não for submetida a prova de dados seguros.

As nossas foram confirmadas, tanto nas falas das entrevistas, como na nossa observação sistemática e participante no cotidiano desse povo que aprendemos ainda mais a admirar e a respeitar, sobretudo por sabermos que também fazemos parte dele.

Afirmando, assim, nosso compromisso com o povo quilombola destacamos que a importância dessa pesquisa-ação são as perspectivas de continuidade de nosso trabalho no quilombo, só que agora com uma perspectiva diferente, pois se antes atuamos juntos aos

quilombolas estudantes da escola em que lecionamos, agora a nossa proposta pro futuro é de uma formação de professores para atuarem nesse território com sua demanda específica de um território tradicional como aponta o Artigo 26 da Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional (1996), ao obrigar que todos os estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e que seus conteúdos programáticos, o qual incluirá o estudo da História da África e dos Africanos e a luta dos negros no Brasil como a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. E que os Conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar. Pois a luta continua, e como a contribuição da Educação Popular e com o auxílio da Cultura Popular continuaremos a caminhada em prol do povo negro do litoral sul da Paraíba nas perspectivas do movimento quilombola do nosso país, tendo a certeza que juntos somos mais fortes, e que a luta do povo oprimido é contra os seus opressores, sejam esses opressores indivíduos, ou as forças do estado no âmbito municipal, estadual e federal.

Então outro ponto de extrema importância em nossa análise é a partir do cotidiano escolar e das relações de cotidianidade entre o território e a escola com a presença de uma Educação Popular, destacando a escola ainda como um aparelho ideológico do Estado, seja ela com sua institucionalizada seja nos estados, nas prefeituras e no governo federal assim também nos bicos, guetos e vielas de nossa sociedade com a esperança de que a Educação seja um sonho nosso e que resolva os problemas tanto no mundo do trabalho como na negação das possibilidades de direitos, e que essa reflexão possa desenvolver ações socioeducativas no movimento da Educação Popular com as relações do mundo do trabalho a partir dos sistemas de cooperativismo do associativismo e das novas formas de trabalho como, por exemplo, o universo da Economia Solidária que visa um novo modo de estabelecer relações econômicas que busca o desenvolvimento territorial com ações articuladas em redes para desenvolver o trabalho e a renda e o bem estar do povo do campo, visando um outro mundo possível, quebrando com a hegemonia do capitalismo e enfrentando de frente as dificuldades que existem em relação a divisão de classes e a opressão histórica desenvolvida pelo agronegócio e pelos grandes latifundiários que historicamente dividiram o povo brasileiro e negaram o fortalecimento de identidades que se diferenciavam das eurocênicas, ou seja, das identidades elitistas e brancas dos povos europeus. Algo extremamente combatido pela Educação Popular, que, como vimos, historicamente respeita e luta pela valorização da Cultura Popular.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ALMEIDA, Horácio de. **História da Paraíba**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1966.

AYALA, Marcos. **Cultura popular no Brasil**: perspectiva de análise. São Paulo: Ática, 1987.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Almedina Brasil, 2011.

BANAL, Alberto; FONTES, Maria Ester Pereira. **Quilombos da Paraíba**: A realidade de hoje e os desafios para o futuro João Pessoa: Impel, 2013.

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Política e educação popular**: a teoria e prática de Paulo Freire no Brasil. Brasília: Liber Livro, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. 8. ed. Brasília: Brasiliense, 1990.

BRASIL. **Lei nº 9.394 – LDB (Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional)**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

_____. Secretaria Especial e Políticas de Promoção de Igualdade Racial. **Resoluções da II CONAPIR**. 2009.

CALDART, Roseli Salete *et al.* (Orgs.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CAVALCANTE, Maria Helena Pereira. **Uma história do Conde**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1996.

CAMPOS, Andelino. **Do quilombo a favela**: Espaços sociais criminalizados no Rio de Janeiro, 5. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

CHAUI, Marilena. **O que é ideologia**, São Paulo: Brasiliense, 2004.

COSTA, Beatriz. Para analisar uma prática de educação popular. **Cadernos de Educação Popular**, Petrópolis, n. 1, 1987.

MARCIA, Demestshk. **CORREIO DA PARAIBA**, João Pessoa, Paraíba, Domingo, 12 DE Maio, 2013.B3.

DIONNE, Hugues. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local**. Tradução de Michel Thiollent. Brasília: Liber Livro, 200

DANILO, R. Estreck, ESTEBAN, Maria Teresa *et al.* (Orgs.). **Educação Popular: Lugar de construção social coletiva.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FÁVERO, Osmar. **Cultura popular e educação popular: memória dos anos 60.** Rio de Janeiro: Graal, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____. **A pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **Educação como prática da liberdade.** 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GADOTT, Moacir (Org.). **Paulo Freire: uma biobibliografia.** São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; UNESCO, 1996.

GALLO, Sílvio. O que é filosofia da educação? Anotações a partir de Deleuze e Guattari. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 22., 1999, Caxambu. **Anais...** Caxambu: GT Filosofia da Educação, 1999.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 3. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRUPPI, Luciano. **Conceito de Hegemonia em Gramsci.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

GOMES, Edson Maria. **GURUGI, Entre a história e a memória, um estudo de caso sobre os remanescentes de quilombolas no município de Conde-PB.** João Pessoa ; Sal da Terra, 2010.

CONSTRUÇÃO COLETIVA, **Contribuições à educação de jovens e adultos.** — Brasília : UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.

JAERGER, Werner. **PAIDEIA: a formação do homem grego 1888-1961.** Tradução de Artur M. Parreira. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MACHADO, Aline Maria Batista. Práxis, consciência de práxis e Educação Popular: Algumas reflexões sobre suas conexões. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, n. 42, 2007.

_____. Serviço Social e Educação Popular: diálogos possíveis a partir da perspectiva crítica. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 109, p. 151-178, jan./mar. 2012.

MELLO, Marco. **Pesquisa participante e educação popular: da intenção ao Gesto.** Porto Alegre: Isis, 2005.

MELO NETO, José Francisco de. **Educação na Paraíba: Fragmentos,** João Pessoa: editora Mídia Gráfica. 2013.

_____. **Universidade popular: texto para debate.** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2012.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1996.

LÉO NETO, Nivaldo Aureliano. **As Flores de (I)Piranga**: etnicidade e territorialização em uma comunidade negra no litoral sul da Paraíba . João Pessoa. 2012.

PARAÍBA. Secretaria de Estado da Educação e Cultura da Paraíba. **Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba – Volume 3**: Ciências Humanas e suas Tecnologias. João Pessoa: 2006.

_____. Secretaria de Educação. **Referências Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba**: volume 3. João Pessoa/PB, 2007.

PIMENTEL, Altmar de Alencar. **Coco de Roda**: edição revisada e ampliada do Coco Praieiro. João Pessoa: Fundo de incentivo a cultura Augustos dos Anjos, 2004.

PLATÃO. **República**. Coleção: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

RICHARDSOM, Roberto Jarry. **Pesquisa-ação**: princípios e métodos. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

SAVIANI, Dermeval. **Histórias da idéias pedagógicas no Brasil**. 2 ed. rev. e ampl. Campinas: Autores Associados, 2008.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005.

SOARES, Rosemary Dore. **A concepção Gramsciana do Estado e o debate sobre a escola**. Porto Alegre: UNIJUI, 2000.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

VILELA, Aloisio. **O coco de Alagoas**: origem, evolução, dança e modalidade. 2. ed. Maceió: UFAL, 1980.

VAZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **Educação popular**: metamorfose e veredas. São Paulo: Cortez, 2010.

WINCH, Chistopher. **Dicionário de filosofia da educação**. Tradução de Renato Marques de Oliveira. São Paulo: Contexto, 2007.

SITES PESQUISADOS

<http://www.portaldaigualdade.gov.br/acoes/pbq>

APÊNDICES

APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE ENTREVISTA DA PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

FORMULÁRIO DE ENTREVISTA DA PESQUISA

COCO DE RODA NOVO QUILOMBO: saberes da cultura popular e práticas de educação popular na comunidade quilombola de Ipiranga no Conde-PB.

Agradecemos sua valiosa atenção em responder todos os itens deste formulário e lembramos que todas as respostas aqui fornecidas terão caráter confidencial e em hipótese alguma será permitida a identificação do entrevistado.

Responsável pela pesquisa: Mestrando Cícero Pedroza da Silva.

ENTREVISTADO(A) Nº: _____

PERFIL DOS ENTREVISTADOS:

SEXO: _____ ESTADO CIVIL: _____ IDADE ____ ANOS.

NÍVEL DE FORMAÇÃO:

() Ensino fundamental _____ () completo () incompleto.

() Ensino Médio _____ () completo () incompleto.

() Graduação em _____ () completo () incompleto.

Ano de Formação: _____.

() Mestrado em _____ () completo () incompleto.

() Especialização em _____ () completo () incompleto.

() Doutorado em _____ () completo () incompleto.

() Outra Graduação em _____ () completo () incompleto.

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA DA PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

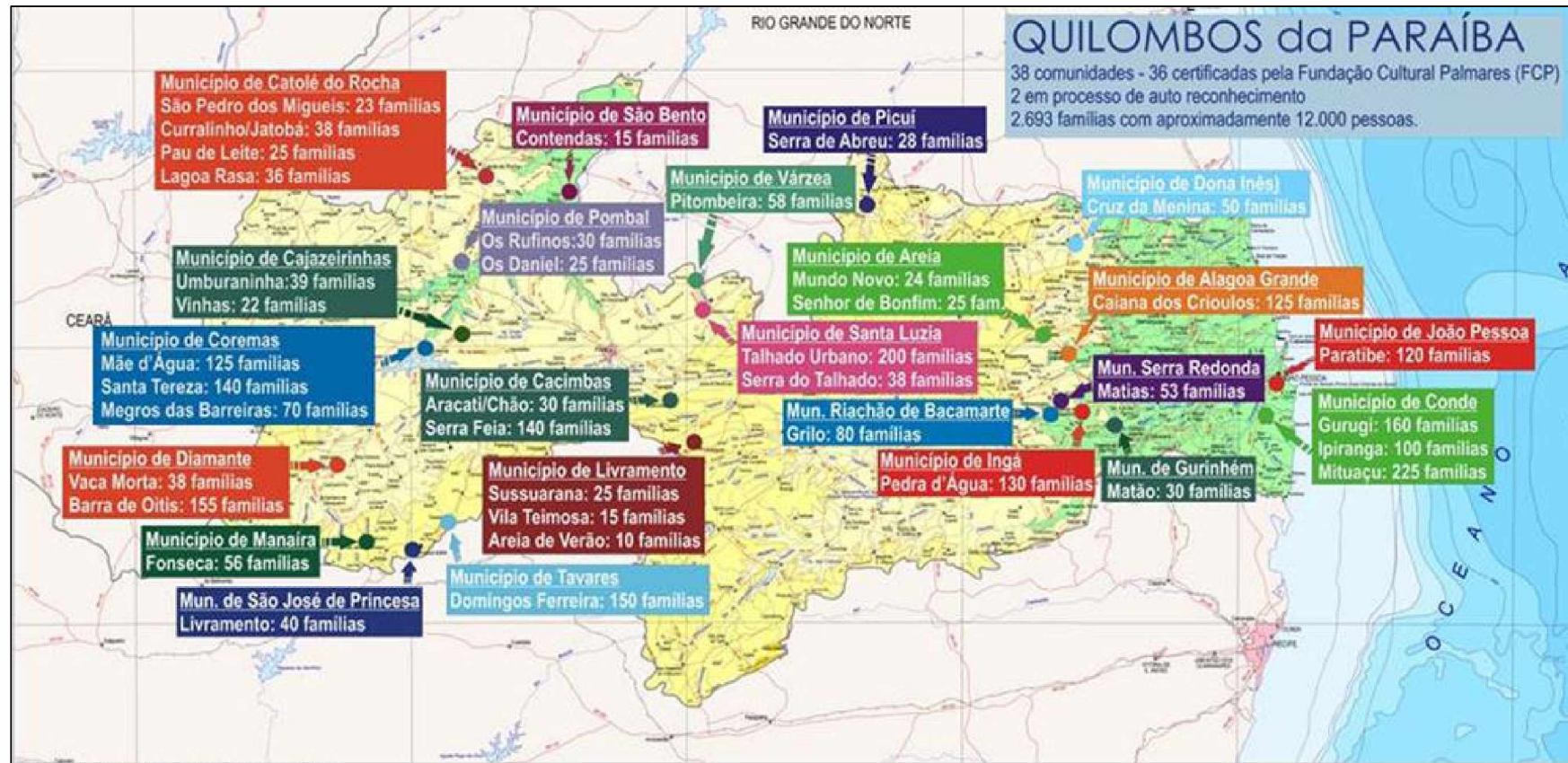
ROTEIRO DE ENTREVISTA DA PESQUISA

1. Fale do Coco de Roda.
2. O que significa o Coco de Roda pra você? Por quê?
3. Qual o papel do Coco na luta com comunidade? Por quê?
4. Você acredita que o Coco tem uma relação com a educação popular? Por quê? Como se dá essa relação?
5. Você acredita que sua participação no Coco de Roda lhe torna uma pessoa de consciência crítica?
6. Existe alguma relação entre o Coco de Roda e os movimentos sociais? Como se dá essa relação?
7. O Coco de Roda obteve conquista na comunidade? Quais?
8. Existe alguma coisa que não foi perguntado e que você que falar?

ANEXOS

ANEXO A – QUILOMBOS DA PARAÍBA.

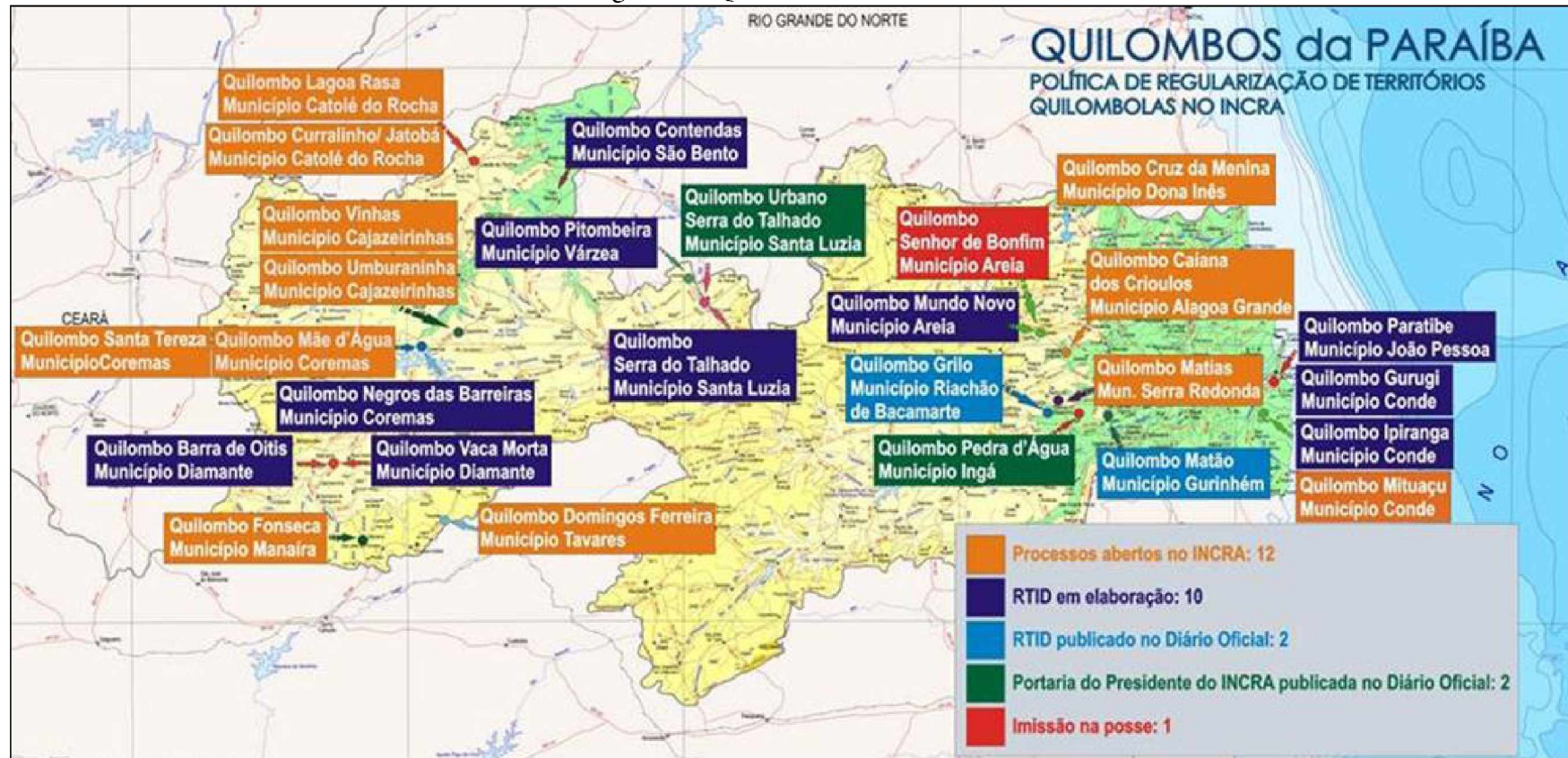
Figura 1 – Quilombos da Paraíba.



FONTE: AACADE/CECNEQ, 2012.

ANEXO B – QUILOMBOS DA PARAÍBA 2

Figura 2 – Quilombos da Paraíba 2.



FONTE: AACADE/CECNEQ, 2012.

ANEXO C – QUILOMBO DO LITORAL SUL DA PARAÍBA.

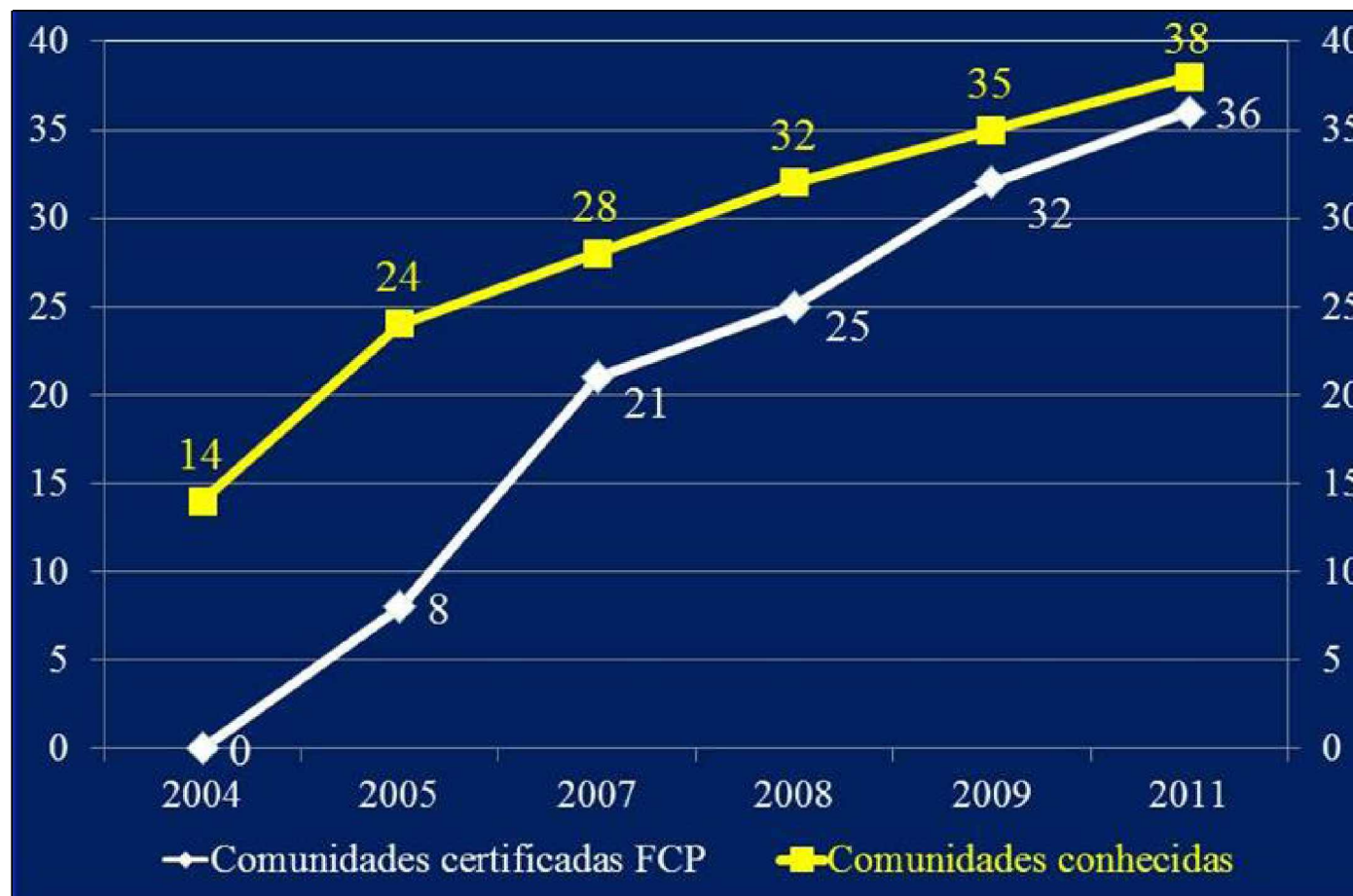
Figura 3 – Quilombos de Paratibe, Gurugi, Ipiranga e Mituaçu no Conde-PB.



FONTE: AACADE/CECNEQ, 2012.

ANEXO D – HISTÓRICO DO PROCESSO DE AUTO RECONHECIMENTO DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DA PARAÍBA

Figura 4 – Histórico do processo de auto reconhecimento das comunidades quilombolas da Paraíba.



FONTE: AACADE/CECNEQ, 2012.